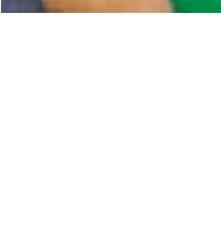
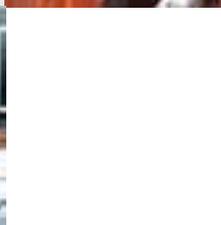


C o l e ç ã o

abrindo  espaços

EDUCAÇÃO E CULTURA PARA A PAZ



# Construindo Saberes

Referências conceituais e metodologia do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz

*Coleção em parceria com*



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Representação da UNESCO no Brasil



## **Construindo Saberes**

Referências conceituais e metodologia  
do Programa Abrindo Espaços:  
educação e cultura para a paz

Brasília, dezembro de 2008

## **Representação da UNESCO no Brasil**

*Representante*

Vincent Defourny

### **Setor de Ciências Humanas e Sociais**

*Coordenadora*

Marlova Jovchelovitch Noletto

*Oficiais de Projeto*

Carlos Alberto dos Santos Vieira

Beatriz Maria Godinho Barros Coelho

Rosana Sperandio Pereira

Alessandra Terra Magagnin

*Coordenador Editorial*

Célio da Cunha

## **Fundação Vale**

### **Conselho de Curadores**

Tito Botelho Martins Junior

Carla Grasso

Gabriel Stoliar

Pedro Aguiar de Freitas

Orlando Góes Pereira Lima

Olinta Cardoso Costa

Márcio Luis Silva Godoy

Adriana da Silva Garcia Bastos

Marconi Tarbes Viana



Representação no Brasil  
SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6,  
Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar  
70070-914 – Brasília/DF – Brasil  
Tel.: (55 61) 2106-3500  
Fax: (55 61) 3322-4261  
grupoeditorial@unesco.org.br  
www.unesco.org.br



Fundação Vale  
Av. Graça Aranha, 26  
20.030-000 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil  
Tel.: (55 21) 3814-4477  
Fax: (55 21) 3814-4040

# Construindo Saberes

Referências conceituais e metodologia  
do Programa Abrindo Espaços:  
educação e cultura para a paz



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

Representação  
da UNESCO  
no Brasil



*Coleção em  
parceria com*

© 2008 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

*Organização e redação final:* Marlova Jovchelovitch Noletto

*Redação e edição:* Gabriela Athias

*Colaboradores:* Cristina Cordeiro, Helena Povere, Lia Diskin, Candido Gomes, Marisa Sari, Julio Jacobo, Regina Vassimon, Anilde Almeida, Leoberto N. Brancher e Rita Ippolito

*Revisão técnica:* Marlova Jovchelovitch Noletto, Rosana Sperandio Pereira, Alessandra Terra Magagnin e Candido Gomes

*Revisão:* Denise Martins e Jeanne Sawaya

*Diagramação:* Paulo Selveira

*Capa e projeto gráfico:* Edson Fogaça

Noletto, Marlova Jovchelovitch

Construindo saberes : referências conceituais e metodologia do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz / Marlova Jovchelovitch Noletto. – Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

77 p. – (Série saber e fazer; 1).

ISBN: 978-85-7652-070-2

1. Cultura de Paz 2. Violência 3. Escolas 4. Atividades Extracurriculares 5. Jovens Desfavorecidos 6. Programas Sociais 7. Brasil I. UNESCO II. Fundação Vale III. Título

CDD 303.66

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

## Agradecimentos

A experiência do Programa Abrindo Espaços não existiria sem a colaboração de atores de inquestionável competência e verdadeiramente comprometidos com a melhoria da qualidade da educação no Brasil.

Entre essas pessoas, merece especial agradecimento o Ministro da Educação, Fernando Haddad, intelectual e executivo que vem demonstrando grande habilidade em dar novos rumos ao sistema educacional brasileiro, sem nunca medir esforços para apoiar as iniciativas da Representação da UNESCO no Brasil. Naturalmente, este agradecimento é extensivo a toda a sua equipe, sobretudo ao Secretário-Executivo do MEC, José Henrique Paim Fernandes, com quem o programa começou quando ainda era presidente do FNDE, ao Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, André Lázaro, e à Coordenadora Nacional do Programa Escola Aberta, Natália Duarte.

Agradecemos ao Ministro da Justiça, Tarso Genro, e a Ricardo Henriques, pois foi em suas gestões como Ministro da Educação e Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, respectivamente, que o programa foi lançado e tomou forma.

Agradecemos também à Diretora de Comunicação da Vale, Olinta Cardoso, e à Fundação Vale, que tornou possível esta coleção. Exemplo vivo de responsabilidade social, a Fundação demonstra com consistência que o conceito de progresso só é pleno quando o setor privado leva em conta fatores como preservação do meio ambiente, fortalecimento do capital social das comunidades com que interage e respeito às identidades culturais.

Agradecemos, por fim, aos profissionais da UNESCO envolvidos direta ou indiretamente no Abrindo Espaços, os quais trabalham incansavelmente pelo sucesso do programa, e aos colegas do setor editorial, que contribuíram para que este trabalho fosse bem-sucedido. São eles Doutor Célio da Cunha, Edson Fogaça, Jeanne Sawaya, Larissa Leite, Mônica Noletto, Paulo Selveira, Pedro Henrique Souza e Rodrigo Domingues.

**Coleção Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz**

*Coordenação*

Marlova Jovchelovitch Noletto  
Beatriz Maria Godinho Barros Coelho

*Revisão Técnica*

Marlova Jovchelovitch Noletto  
Rosana Sperandio Pereira  
Alessandra Terra Magagnin

*Colaboradores*

Gabriela Athias  
Candido Gomes  
Adriel Amaral

# SUMÁRIO

## **Apresentação**

A multiplicação da cultura de paz.....	09
<i>Vincent Defourny</i>	
Viver a paz, viver em paz .....	11
<i>Sílvio Vaz de Almeida</i>	

## **Introdução**

Abrindo Espaços: inclusão social e educação para o século XXI.....	13
<i>Marlova Jovchelovitch Noletto</i>	

## **Sobre a Série Saber e Fazer**.....19

## **2000: um marco na cultura de paz**.....21

Ano 2000 – é criado o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz.....	27
--	----

<b>Paz e inclusão na escola</b> .....	31
Abrindo os portões .....	32
Diminui a violência nas escolas do Programa Abrindo Espaços .....	43
Ganhando escala e consolidando uma política pública: surge o Programa Escola Aberta .....	45
<b>Aprendendo com as experiências estaduais</b> .....	49
Uma experiência comunitária de coesão social – Pernambuco .....	50
Programa vivencia etapas distintas e experimenta diferentes formatos – Rio de Janeiro .....	54
Comunidade abraça programa e dribla resistência – Bahia.....	59
Desenho local do programa é feito de forma participativa – Rio Grande do Sul.....	63
Programa é prioridade e vira política pública estadual – São Paulo.....	67
<b>Saiba mais</b> .....	71
<b>Referências bibliográficas</b> .....	76

# **Apresentação**

## **A multiplicação da cultura de paz**

No ano em que o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz completa oito anos, a Representação da UNESCO no Brasil tem a oportunidade de lançar uma coleção de sete publicações para sistematizar uma iniciativa de inclusão social e redução de violência com foco na escola, no jovem e na comunidade.

O Programa Abrindo Espaços consiste na abertura das escolas públicas nos fins de semana, com oferta de atividades de esporte, lazer, cultura, inclusão digital e preparação inicial para o mundo do trabalho. Ao contribuir para romper o isolamento institucional da escola e fazê-la ocupar papel central na articulação da comunidade, o programa materializa um dos fundamentos da cultura de paz: estimular a convivência entre grupos diferentes e favorecer a resolução de conflitos pela via da negociação.

A UNESCO agradece à Fundação Vale pela parceria que lhe possibilita publicar esta coleção, uma ferramenta de multiplicação de um programa que já é política pública e está presente em escolas dos 26 estados da federação e do Distrito Federal.

O objetivo das publicações é compartilhar com a sociedade o conhecimento e a experiência acumulados pela UNESCO na gestão do Programa Abrindo Espaços, que tem como uma de suas missões agregar valor a iniciativas focadas na construção e na multiplicação da cultura de paz.

Além disso, auxiliar tecnicamente nossos parceiros na execução de programas e projetos capazes de construir um Brasil mais justo e menos desigual, especialmente para as populações vulneráveis, caso de milhares de jovens que vivem nas periferias pobres do país, onde atuam as escolas do Abrindo Espaços.

Conhecer as publicações é apenas o primeiro passo para o caminho a ser percorrido pelos interessados em identificar mais uma opção de sucesso na promoção da cultura de paz, na inclusão social e na redução de violência. A UNESCO no Brasil está à disposição para seguir contribuindo com estados, municípios e demais parceiros empenhados em aprofundar-se em programas dessa natureza.

**Vincent Defourny**

*Representante da UNESCO no Brasil*

## **Viver a paz, viver em paz**

Paz, para ser vivida, tem de ser construída, dia a dia, nos pequenos atos, de onde germinam as grandes transformações. Paz é para ser realizada, não só idealizada. Paz se faz, não é dada.

Nós, da Fundação Vale, temos consciência de que a paz é, sobretudo, ação. E que só se torna realidade quando caminha junto com o desenvolvimento humano. Por isso, adotamos como uma de nossas áreas de atuação a educação: para a cidadania e para vida.

Acreditamos no papel estruturante da educação, na importância da inclusão social e no protagonismo juvenil – crenças partilhadas com a UNESCO no Programa Abrindo Espaços. A iniciativa, que nasceu da experiência em três estados brasileiros, tornou-se política pública em 2004 e agora, com esta coleção, realizada em parceria com a Fundação Vale, passa a ser sistematizada e oferecida a vários países.

O Programa Abrindo Espaços vem contribuindo para redefinir o papel da escola e firmá-la como referência entre os jovens. Ao ampliar o acesso a atividades de lazer, cultura e esporte, cria oportunidades para que os jovens exercitem valores como a não-violência, a liberdade de opinião e o respeito mútuo, fortalecendo suas noções de pertencimento ao grupo social.

Com esta coleção, esperamos transmitir vivências, compartilhar conhecimentos e, ao mesmo tempo, ajudar a criar condições para que se construa uma visão de futuro em que prevaleçam o diálogo, a tolerância e a responsabilidade.

**Sílvia Vaz de Almeida**

*Diretor Superintendente da Fundação Vale*

# Introdução

## **Abrindo Espaços: inclusão social e educação para o século XXI**

No ano 2000, durante as comemorações do Ano Internacional da Cultura de Paz, a Representação da UNESCO no Brasil lançou o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz.

Ao longo destes oito anos, o programa, que, ao abrir escolas públicas no fim de semana, combina elementos de inclusão social e educação, solidificou-se e é a primeira ação da UNESCO no Brasil a tornar-se política pública. A metodologia proposta pelo Abrindo Espaços é a base do Programa Escola Aberta, criado pelo Ministério da Educação, em 2004, hoje presente em todos os estados brasileiros.

Entre 2000 e 2006, em parceria com secretarias municipais e estaduais de educação, o Programa Abrindo Espaços abriu 10 mil escolas e atendeu cerca de 10 milhões de pessoas nos cinco primeiros estados em que foi implantado – Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo. Cabe destacar que em São Paulo o programa foi implantado em praticamente toda a rede estadual, atingindo 5.306 escolas de um total de 6 mil. Com o nome de Escola da Família, contou com 30 mil voluntários e 35 mil universitários atuando diretamente nas escolas.

A dimensão do Abrindo Espaços nestes anos de existência revela a riqueza da experiência acumulada por toda a equipe da UNESCO e, sobretudo, pelos parceiros e executores do programa.

A parceria com a Fundação Vale possibilita agora o lançamento de uma coleção de sete publicações que sistematizam a metodologia do Programa Abrindo Espaços em todas as suas dimensões –

bases conceituais, aplicações práticas e recomendações, análise de especialistas, custos de implantação –, além de incluir duas cartilhas cujo conteúdo ensina a vivenciar na prática a construção da cultura de paz. As cartilhas constituem um guia para professores, alunos, supervisores e todos aqueles envolvidos na operacionalização dos programas Abrindo Espaços e Escola Aberta, e reforçam a necessidade de se ter também instrumentais que possam orientar a ação de nossos educadores na construção de uma cultura de paz.

Costumamos dizer que a UNESCO tem muitos objetivos, mas uma única missão, que está destacada em seu ato constitutivo: “Uma vez que as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas.”

Por meio da criação e implantação do Programa Abrindo Espaços, a UNESCO no Brasil teve a oportunidade de atuar como laboratório de idéias, ajudando a criar as diretrizes metodológicas de um programa nacional baseado na cultura de paz, com o objetivo de propor um espaço de inclusão social e de valorização da escola pública.

Ao inserir-se no marco mais amplo de atuação da UNESCO, o programa contribui para fortalecer o conceito de educação ao longo da vida, bem como para a erradicação e o combate à pobreza. Volta-se ainda para a construção de uma nova escola para o século XXI, caracterizada muito mais como “escola-função”, e não apenas como “escola-endereço”, ou seja, uma escola que, de fato, contribua para o desenvolvimento humano e integral dos seus alunos e da comunidade.

O programa atua para ajudar a transformar as escolas em espaço de acolhimento e pertencimento, de trocas e de encontros. O objetivo é que elas sejam capazes de incorporar na programação oferecida no fim de semana as demandas do segmento jovem, bem como suas expressões artísticas e culturais, fortalecendo a participação dos estudantes e jovens nas atividades da escola.

Espera-se, ainda, que a abertura das escolas nos fins de semana contribua para uma reflexão sobre a “escola da semana”, sugerindo novas práticas capazes de interferir positivamente nas relações entre alunos e professores. É verdade que, quando se sentem acolhidos, os estudantes desenvolvem uma relação diferenciada com a escola e tornam-se menos vulneráveis à evasão escolar. Por isso, podemos afirmar que o programa contribui para ajudar a reduzir os preocupantes

números relacionados à grande quantidade de estudantes que ingressam no ensino fundamental em comparação com o reduzido percentual que consegue finalizar o ensino médio.

É importante destacar também o papel fundamental que desempenha a educação na redução de desigualdades sociais. Não há transformação social sem investimento em educação. Pesquisas feitas pelo Banco Mundial e pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) demonstram que um ano a mais de estudo na vida de estudantes do sexo feminino impactam na diminuição da mortalidade infantil e materna, por exemplo. Tais estudos também demonstram o efeito de um ano a mais de estudo nos indicadores de empregabilidade e salários na América Latina.

### **O jovem como foco**

O Programa Abrindo Espaços foi criado com base em uma série de pesquisas sobre juventude feitas pela UNESCO no Brasil. Tais pesquisas revelavam que os jovens eram, como ainda são, o grupo que mais se envolve em situações de violência, tanto na condição de agentes quanto de vítimas. A maior parte desses atos violentos acontece nos fins de semana, nas periferias, envolvendo, sobretudo, jovens de classes empobrecidas e em situação de vulnerabilidade.

Além disso, grande parte das escolas, especialmente as localizadas nas periferias das grandes cidades, estava envolvida em situações de extrema violência. Os *Mapas da Violência*, de autoria do pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, lançados pela UNESCO nos anos de 1999, 2000, 2002 e 2004, foram fundamentais para entender o papel dos jovens nos casos de violência no país.

Considerando-se esses dados, pode-se entender que, por trás de uma idéia aparentemente simples – a abertura das escolas aos sábados e domingos para oferecer aos jovens e suas famílias atividades de cultura, esporte, arte, lazer e formação profissional –, há uma estratégia de *empoderar* os jovens, fortalecer a comunidade, fortalecer o papel da escola e contribuir para a redução dos índices de violência, construindo uma cultura de paz.

O Programa Abrindo Espaços trouxe ainda para o ambiente escolar estratégias utilizadas em trabalhos comunitários, como o levantamento das demandas locais, a valorização de talentos, o fortalecimento das ações por meio de parcerias com organizações não-governamentais e outras entidades que atuam na região da escola.

O fato de o Abrindo Espaços validar a experiência das comunidades e os saberes locais faz com que o programa contribua para “quebrar o muro” do isolamento institucional das escolas, abrindo de fato suas portas para os moradores, os pais dos alunos, enfim, a toda a comunidade, que passa a reconhecer a escola como sua. Os estudantes e sua comunidade sentem-se valorizados à medida que suas demandas são atendidas e que as expressões juvenis são fortalecidas. Isto possibilita maior integração entre todos os atores envolvidos no processo e favorece a descoberta de novas formas de relação capazes de gerar o sentimento de pertencimento tão necessário para o exercício do protagonismo juvenil.

O programa representa ainda uma alternativa à falta de acesso a atividades culturais, uma realidade nas periferias brasileiras. O acesso à cultura, à arte, ao esporte, ao lazer e à educação permite que os jovens encontrem outras formas de expressão diferentes da linguagem da violência. A participação em oficinas de teatro, artesanato, música, dança e outras tantas atividades lúdicas abre horizontes, fortalece a auto-estima e é capaz de ajudar o jovem a descobrir um novo sentimento de pertencimento em relação à sua escola e à sua comunidade.

Na dinâmica do programa, o jovem e a comunidade são os protagonistas – não são vistos como meros beneficiários das atividades do fim de semana. Os jovens desempenham papel central: articulam atividades e mobilizam a comunidade para participar do programa. Essa participação é reforçada à medida que a grade de programação revela e valoriza os talentos locais.

Outro aspecto a ser ressaltado é a natureza descentralizadora do programa, que permite aos estados, municípios e escolas terem flexibilidade para adequá-lo às realidades e necessidades locais, sempre orientados pelos mesmos princípios, conceitos éticos e metodológicos. O programa é único e flexível em sua diversidade, e construir essa unidade na multiplicidade foi um de seus grandes desafios.

Acreditamos ter encontrado o fio condutor dessa unidade, materializado numa proposta que valoriza o saber local, respeita o protagonismo juvenil, valoriza e reforça o papel da escola e envolve a comunidade no programa, adaptando a metodologia desenvolvida para cada realidade/diversidade nas múltiplas regiões do país.

Com esta coleção, acreditamos estar colocando à disposição de educadores, profissionais da área social e especialistas de todo o Brasil um instrumento que, ao lado de outros tantos, certamente permitirá trabalhar a inclusão social e os valores da cultura de paz na escola, de forma a contribuir para a redução das desigualdades e a formação de cidadãos cada vez mais solidários, que respeitem os direitos humanos e valorizem a tolerância, reforçando o papel fundamental da educação na transformação social.

Além de disseminar a boa experiência dos programas Abrindo Espaços e Escola Aberta no Brasil, acreditamos que esta coleção também contribuirá para o crescimento da cooperação internacional, uma das importantes funções da UNESCO.

Cabe ainda agradecer a importante parceria da Fundação Vale, por meio de sua então Presidente, Olinta Cardoso, ela própria uma entusiasta do programa, e de sua contribuição para a inclusão social e a melhoria da educação.

Agradeço também a todos os parceiros do Programa Abrindo Espaços nos estados e municípios onde foi implantado e aos parceiros do Programa Escola Aberta do Ministério da Educação, que juntamente com professores, diretores, alunos, jovens e as comunidades o transformaram em uma experiência de sucesso. Por fim, agradeço a todos os profissionais do Setor de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil, uma equipe de pessoas comprometidas com um mundo melhor e sem as quais essa experiência não teria sido possível.

A concepção e a implantação do Programa Abrindo Espaços iniciaram-se no ano 2000 e se estenderam por todo ano de 2001, um ano que marcou profundamente minha vida. Em 2001, nasceu Laura, minha filha, e com ela renasceram em mim todas as convicções que alimento de que construir um mundo menos violento, mais igual e justo é tarefa coletiva e só será possível se esse desafio for assumido por todos, traduzindo os princípios da cultura de paz, dos direitos humanos e do respeito à diversidade, concretamente, na vida de cada cidadão.

**Marlova Jovchelovitch Noletto**

*Coordenadora de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil*

## Sobre a Série Saber e Fazer

Este livro, *Construindo saberes – Referências conceituais e metodologia do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*, é o primeiro volume da *Série Saber e Fazer – Sistematização do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*.

O conteúdo da publicação é complementar ao dos outros dois livros que compõem a série: *Fortalecendo Competências*, sobre a formação continuada dos profissionais envolvidos no programa, e *Abrindo Espaços*, um guia passo a passo para sua implantação.

Esta série é resultado da experiência acumulada em oito anos de existência do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. Os conteúdos apresentados nos três livros são fruto de documentos produzidos pela equipe do Setor de Ciências Humanas e Sociais da Representação da UNESCO no Brasil e de publicações que avaliaram o programa localmente, em diferentes estágios da sua execução. Todos estão citados na bibliografia e na sessão “Saiba mais”, que indica *sites* e outras fontes para quem desejar aprofundar conhecimentos sobre os temas citados nos três livros. Também foram feitas entrevistas com os cinco coordenadores responsáveis pela implantação do programa nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Para facilitar a leitura e a utilização dessas informações, elas foram organizadas em uma série, com três livros que têm conteúdos complementares. Esta série integra a *Coleção Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz*. Espera-se que a série e a coleção sejam vistas pelos profissionais que atuam nas escolas como um mapa dos melhores caminhos para a abertura das escolas aos sábados e domingos. Que sirva de objeto de consulta e ajude a todos na missão de construir uma escola pública mais acolhedora e inclusiva.



*O break dance e outros elementos da cultura Hip Hop estão presentes nas escolas. Escola Senador Alberto Pasqualini, Rio de Janeiro (RJ).*



## 2000: UM MARCO NA CULTURA DE PAZ

O ano 2000 foi emblemático para a cultura de paz em todo o mundo. A Assembléia Geral das Nações Unidas declarou aquele como o Ano Internacional da Cultura de Paz, e o período compreendido entre 2001 e 2010 como a Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não-Violência em Benefício das Crianças do Mundo.

A Organização das Nações Unidas é formada por 193 Estados-membros e organiza-se em agências, fundos, programas e comissões regionais que atuam em áreas tão diversas quanto educação, saúde, direitos da infância, economia, agricultura, habitação e direitos dos refugiados. De todas as agências e organismos do sistema, a UNESCO é a única que tem como missão, desde a sua fundação, em 1945, a construção de uma cultura de paz. Por isso, a Organização foi escolhida para coordenar a mobilização mundial que tem a paz como tema central.

Sessenta anos depois da criação da UNESCO, cabe lembrar o que diz sua ata de constituição: “O propósito da Organização é contribuir para a paz e a segurança, promovendo cooperação entre as nações por meio da educação, da ciência e da cultura, visando a favorecer o respeito universal à justiça, ao estado de direito e aos direitos humanos e a liberdades fundamentais afirmados aos povos do mundo”.

Diz ainda que: “Como as guerras se iniciam nas mentes dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas”.

Em 2008, quando a UNESCO comemora 61 anos de existência – e celebram-se os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos –, o desafio de construir uma cultura de paz está mais atual e presente do que nunca.

### **Mobilização**

No dia 4 de março de 1999, a UNESCO lançou, em Paris, um documento chamado “Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência”, redigido em parceria por um grupo de vencedores do Prêmio Nobel da Paz. Participaram desse grupo lideranças como Nelson Mandela, líder máximo contra o *apartheid* na África do Sul; Adolfo Perez Esquivel, argentino que lutou pelos direitos humanos durante a ditadura enfrentada por seu país; Mikhail Gorbachev, ex-presidente da União Soviética, que teve importante papel no fim da Guerra Fria; e Joseph Rotblat, um dos cientistas que desenvolveram a bomba atômica, mas que renunciou às suas pesquisas e se tornou pacifista, após constatar que seu trabalho contribuiu para matar milhares de civis em Hiroshima e Nagasaki.

Durante o ano de 1999, até o final de 2000, lideranças de todo o mundo aderiram ao Manifesto 2000 e ajudaram a conseguir adesões a ele, cujo teor também podia ser encontrado num *site* especialmente criado para divulgar seu conteúdo. Postos de coleta de assinaturas foram montados em escolas, exposições de arte, espetáculos, nas ruas e em vários outros lugares.

O **Manifesto 2000** (quadro na página 24) teve como principal objetivo criar nas pessoas o senso de responsabilidade pessoal, difundindo o conceito de que a paz não depende apenas da ação das autoridades. É, também e principalmente, responsabilidade de cada indivíduo pôr em prática valores, atitudes e formas de

conduta baseados numa cultura de não-violência. A idéia é que todos possam contribuir para a construção cotidiana da paz no âmbito da sua família, do seu bairro, da sua cidade, da sua escola. Ao promover a não-violência, surge espaço no cotidiano para a tolerância, o diálogo, a justiça e a solidariedade.

Em todo o mundo, 75 milhões de pessoas assinaram o documento. O Brasil, que contribuiu com 15 milhões de adesões, ficou atrás apenas da Índia, cuja população é maior, e conseguiu 28 milhões de assinaturas. O Rio de Janeiro foi o estado brasileiro campeão, com sete milhões de assinaturas. No início da campanha nacional de mobilização, a organização local estimava que o Brasil chegaria a um total de, no máximo, dois milhões de assinaturas.

Os brasileiros não foram os únicos a aderir além do esperado. Nações, povos e culturas muito diferentes entre si, que seguem uma lógica diversa no trato dos direitos humanos fundamentais em nível individual e coletivo, também assinaram o texto. A adesão ao Manifesto mostrou que o desejo de conquistar a paz transcende diferenças culturais e une indivíduos em todo o mundo.

Em setembro de 2000, no dia da 55ª Assembléia Geral da ONU, conhecida como Cúpula do Milênio, o Manifesto, com suas 50 milhões de assinaturas, foi entregue na sede das Nações Unidas, em Nova York. A campanha de adesão ao documento envolveu mais de 1.400 parceiros da sociedade civil. Em muitos países, inclusive no Brasil, professores deram aulas nas escolas sobre o texto do Manifesto.

Todo o ano 2000 foi marcado por eventos hoje considerados fundamentais para a difusão do conceito da cultura de paz e das ações baseadas na não-violência, que se seguiram em todo o mundo. Em maio, foi realizado o chamado Fórum do Milênio para marcar a primeira vez em que a ONU, criada logo após a Segunda Guerra Mundial, convocou representantes de todos os seus Estados-membros para discutir formas de promover o bem-estar da humanidade.

## Compromissos do Manifesto 2000

**Respeitar a vida** e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito.

**Rejeitar a violência:** praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desfavorecidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes.

**Ser generoso:** compartilhar o tempo e os recursos materiais em um espírito de generosidade visando ao fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica.

**Ouvir para compreender:** defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, a difamação e a rejeição do outro.

**Preservar o planeta:** promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta.

**Redescobrir a solidariedade:** contribuir para o desenvolvimento da comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.

O Fórum reuniu, em Nova York, 1.350 representantes de organizações não-governamentais de 140 países. O resultado foi a redação de um novo documento, sugerindo ações específicas, posteriormente aprovado na Cúpula do Milênio, como ficou conhecida a reunião da Assembléia Geral, durante a qual foi entregue o **Manifesto 2000**. Em agosto do mesmo ano, duas mil lideranças religiosas reuniram-se em Nova York, para discutir seu papel na paz mundial.

## O pacifista

### Gandhi – uma história que recomeça

*Lia Diskin\**

*“Pode garantir-se que um conflito foi solucionado segundo os princípios da não-violência se não deixa nenhum rancor entre os inimigos e os converte em amigos”.*

Gandhi

*Franzino, tímido e inseguro, com poucos amigos e fortes laços familiares, sem grandes talentos ou inclinações para o estudo, Gandhi tornou-se o mais improvável dos líderes do século XX. Nascido numa sociedade que aclamava a obediência, a submissão e o res-peito às tradições ancestrais como objetivos naturais da vida pública e privada, quebrou o elo da dominação externa que durante trezentos anos manteve a Índia na condição de colônia européia e, ao mesmo tempo, aboliu costumes enraizados na sua cultura que perpetuavam uma sociedade estratificada em castas que legitimavam superstições desumanas.*

Nesse sentido, podemos afirmar que Gandhi foi um pedagogo social não só do seu povo, mas da humanidade, pois disponibilizou, por meio de sua experiência, um repertório de orientações metodológicas que visam a uma convivência em que as potencialidades de cada indivíduo encontrem condições favoráveis para se desenvolver de maneira saudável e digna, ou seja, para que cada um possa expressar o que abriga de maior e melhor dentro de si.

É nesse espaço de relação e de interatividade, da pedagogia de Gandhi que encontramos o instrumental capaz de quebrar o jogo mimético a que estamos submetidos – individual e coletivamente. Nas palavras do Mahatma: “Para combater a injustiça é necessário auto-educar-se”. Isso requer, em primeiro lugar, reconhecer que qualquer situação de violação de direitos se perpetua unicamente quando há cooperação por parte dos injustiçados, que aceitam tais violações como fatalidade ou como condição natural da existência.

Para Gandhi, portanto, a não-cooperação com causas ou pessoas indignas ou desprezíveis é um dever, mas um dever cujo cumprimento pode realizar-se unicamente por meios pacíficos – é o que se chama de Ahimsa, uma resistência pacífica, porém firme, à violência. Sejam quais forem os instrumentos usados para acabar com a exploração, a dominação e as injustiças, eles têm de estabelecer previamente um compromisso com a não-violência, que é o princípio soberano de transformação pessoal e coletiva.

As injustiças impostas a uma comunidade ou nação são perpetradas por alguns, mas sustentadas por todos, inclusive pelos oprimidos. Esta é a grande descoberta que ele nos oferece: vítima e carrasco alimentam-se mutuamente. Para combater a injustiça, é necessário auto-educar-se, isto é:

- reconhecer que qualquer situação de violação de direitos se perpetua unicamente se há cooperação por parte dos oprimidos, o que quer dizer que aceita a opressão como fatalidade ou condição natural da existência;
- mudar a atitude interna de passividade, gerando respeito próprio, dignidade e coragem;

- *ter a determinação para deixar de obedecer e submeter-se, apesar das represálias que isso possa acarretar.*

*Nesse sentido, a não-violência é uma linguagem, uma modalidade de ser e de estar no mundo que se aprende com a prática, com o exercício cotidiano inspirado no compromisso de não causar sofrimentos gratuitos, nem alimentar ressentimentos. Se o que se busca é estabelecer relações mais justas e solidárias, então é necessário concentrar o poder reparador da ação na própria situação que gerou e sustenta o conflito. Inverter a situação entre opressor e oprimido, tornando o último ganhador e o outro perdedor, seria inútil pois preserva o círculo vicioso de vingança que retroalimenta a condição de vítima e carrasco, corrompendo e bestializando a ambos.*

*É oportuno lembrar que Gandhi testou suas idéias nos tribunais, em meio a manifestações populares inflamadas, no cárcere junto a dissidentes políticos, entre parlamentares e até com representantes da coroa britânica. Não é um teórico nem um acadêmico, mas um político, um cientista social e um articulador paciente e persistente. Tampouco é um romântico, que ignora a sedução que exerce em todos nós a sede de poder, de reconhecimento e de riquezas, todavia acredita firmemente na condição transformadora das forças espirituais que desencadeiam o legado das religiões, independentemente da cultura em que tenham florescido. Ele diz a respeito de si mesmo: “Não sou um santo que se tornou político. Sou um político que está tentando ser santo.”*

*A paz, para Gandhi, é a condição na qual é possível desenvolver todo o potencial humano, promover a auto-realização individual e fortalecer o sentimento de comunidade entre os seres vivos. Isso não exclui o conflito; muito pelo contrário, ele é necessário para legitimar a pluralidade de idéias e a diversidade cultural, que, em mútua fecundação e tensão criativa, permitem levantar questões novas oferecendo respostas originais que mantêm aberto o caminho de aperfeiçoamento progressivo das relações democráticas.*

*A experiência viva de Gandhi foi continuada por quase todos os “revolucionários” pacifistas do século XX. Notadamente Martin Luther King Jr., Desmond Tutu, Nelson Mandela, Vaclav Havel e outros, cujas ações construtivas na esfera econômica, social, política, cultural e religiosa afirmam os princípios mais elevados do Amor e da Justiça.*

\* Lia Diskin é co-fundadora da Associação Palas Athena e coordenadora do Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz



## **Ano 2000 – é criado o Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz**

O Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz foi criado no ano 2000 por uma equipe de profissionais da UNESCO no Brasil, especialmente do Setor de Ciências Humanas e Sociais, no âmbito das comemorações do Ano Internacional da Cultura de Paz.

O Programa Abrindo Espaços, que tem como estratégia a abertura das escolas públicas no fim de semana, é um programa baseado nos preceitos da cultura de paz, em uma ação que combina elementos de inclusão social e educação.

Trata-se de uma estratégia simples, que inova ao abrir os portões das escolas, oferecendo aos jovens e suas famílias – em sua maioria, moradores de comunidades periféricas, marcadas pela violência – atividades de cultura, esporte, lazer,

formação para o trabalho, entre outras. O programa possibilita espaços alternativos de socialização onde diferentes grupos convivem de forma pacífica. O foco do programa são o jovem, a escola e a comunidade.

A busca de caminhos não-violentos para a resolução de conflitos tem transformado o pátio das escolas. Naquelas que aderiram ao programa, gangues rivais, que até então só se encontravam em conflitos, passaram a reunir-se para jogar futebol, fazer teatro e realizar atividades diversas. O Abrindo Espaços tornou-se um exemplo de sucesso: uma estratégia de inclusão social, baseada na cultura de paz, com forte componente de redução da violência e com foco nos jovens, que são a sua principal vítima.

### **Jovem: o x da questão**

Quando o Programa Abrindo Espaços foi criado, já se sabia empiricamente o que dois anos depois os **Mapas da Violência** e outras pesquisas específicas da UNESCO sobre a juventude revelaram: as escolas públicas brasileiras, especialmente aquelas localizadas nas periferias das grandes cidades, estavam envolvidas em graves situações de violência. Além de registros dos chamados “crimes contra a pessoa”, como ameaça e homicídio, havia ainda “crimes contra o patrimônio”, que é o caso dos furtos, depredações ao prédio da escola e invasões feitas geralmente por gangues do próprio bairro.

Uma pesquisa intitulada **Violências nas Escolas**, detalhou a extensão dos diversos tipos de violência ocorridos nos colégios públicos. Pesquisa sobre armas na escola, com dados coletados em 2003, mostrou que 35% dos alunos da rede pública de cinco capitais – São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, Belém – e mais o Distrito Federal já haviam visto armas na escola.

Uma das mais longas séries de pesquisa publicadas pela UNESCO no Brasil, o **Mapa da Violência**, mostrou que os jovens são as principais vítimas da violência e, ao mesmo tempo, seus principais autores. Entre 1993 e 2002, os homicídios

juvenis, envolvendo pessoas de 15 a 24 anos, aumentaram 88,6% e a maior parte dessas mortes ocorreu nas regiões metropolitanas, onde as médias são 90% maiores do que as nacionais.

Esses estudos revelaram ainda que 60% dos homicídios ocorrem aos sábados e aos domingos, justamente nos dias em que o Programa Abrindo Espaços acontece nas escolas públicas.

Para além da violência física, os jovens oriundos dos bolsões de pobreza do país são uma parcela vulnerável da população brasileira: amargam as mais altas taxas de desemprego entre os economicamente ativos, abandonam a escola antes de completar o ensino médio e perpetuam o ciclo de pobreza em uma sociedade em que a renda está intimamente relacionada aos anos de estudo. Segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), entre 30% e 50% das disparidades de renda originam-se das desigualdades educacionais.

Dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, com base na mesma pesquisa, revelam que 60% dos alunos filhos de famílias pobres começam a abandonar a escola entre os 15 e os 16 anos para trabalhar. Já a Secretaria Nacional de Juventude do Governo Federal afirma que 14 milhões de jovens brasileiros não concluíram o ensino médio e 51% dos jovens estão fora da escola.

O desenho do Abrindo Espaços, como mostra o capítulo seguinte, permite que o programa atue de forma intersetorial, por meio da inclusão social, da educação, da cultura, da promoção de direitos, do acesso às novas tecnologias e da construção de uma cultura de paz.



*A capoeira ajuda a disseminar a cultura africana nas escolas. Escola Comissário Francisco Barbosa (CE).*



## PAZ E INCLUSÃO NA ESCOLA

O Programa Abrindo Espaços utiliza elementos de inclusão social e de educação para todos ao longo da vida, atuando, ainda, no combate à pobreza e contribuindo para a discussão de um novo modelo de escola.

Além de promover o desenvolvimento humano e a cidadania, o programa também contribui para melhorar a qualidade da educação, ajudando a construir uma cultura de paz no interior das escolas e ampliando oportunidades de acesso a atividades de arte, esporte, cultura e lazer. Ao tornar a escola mais acolhedora, o Abrindo Espaços auxilia a reduzir a evasão escolar, ao mesmo tempo em que contribui para resgatar seu valor institucional.

As atividades oferecidas nas escolas são abertas a toda a comunidade também com o propósito de melhorar a qualidade da relação e da interação entre professores, alunos e familiares. Há que se considerar que, muitas vezes, a escola é o único equipamento público presente no bairro, além de ser um lugar privilegiado para a formação e a socialização dos jovens. Além disso, a magnitude do seu aparato institucional – mais de 200 mil escolas espalhadas pelo país e pelo menos uma

### Protagonismo Juvenil

A palavra “protagonista”, formada por duas raízes gregas, significa “lutador principal”, “personagem principal” ou “ator principal”, como ensina o pesquisador Antônio Carlos Gomes da Costa, um dos principais estudiosos do tema no Brasil. O conceito de *protagonismo juvenil* vem sendo usado para designar o atributo de jovens autônomos, solidários, competentes e participativos, segundo a definição de Gomes da Costa. Considera-se, então, que uma ação estimula esse tipo de formação quando o jovem é o principal ator do seu processo de desenvolvimento. São ações que estimulam sua capacidade de interagir e de fazer interferências na sua escola e na sua comunidade. Tudo isso depende, entretanto, um incremento no repertório pessoal do jovem, o que, no Programa Abrindo Espaços, ocorre por meio da sua participação na montagem da grade das atividades oferecidas na escola e, ainda, na atuação de jovens à frente das oficinas como educadores, oficinairos ou monitores, atores fundamentais do processo. Ocorre, também, na articulação do jovem com a comunidade, estimulando a ampla participação.

É por estimular o protagonismo juvenil que o programa tem possibilitado uma

Secretaria de Educação em cada município favorece a capilaridade e a institucionalização do programa.

O programa, como já foi dito, resgata o valor institucional da escola pública, tornando-a mais atrativa para o jovem e acolhedora para a comunidade. Isso reforça a idéia de que, apesar de todas as dificuldades, as escolas têm condições de vivenciar processos inovadores que resultam em ambientes propícios para que os alunos desenvolvam potenciais e habilidades dentro e fora da sala de aula. No escopo dessa nova realidade, a comunidade tem sua participação assegurada e, em muitos casos, atua com a direção da escola na solução das questões cotidianas.

Por meio das ações e atividades desenvolvidas durante o fim de semana, é possível ampliar o diálogo entre todos os atores envolvidos no processo: jovem, escola e comunidade. É essa troca que transformará a escola em uma instituição capaz de incorporar as necessidades do segmento jovem, estimulando sua participação nos processos de decisão e tornando-se de fato significativa no seu processo de desenvolvimento. Possibilitará, também, uma vivência diferenciada para o corpo docente que se “abre” para acolher o jovem e a comunidade. Permitirá, ainda, que a comunidade valorize e se aproprie da escola como “se fosse sua”, criando um vínculo forte.

### Abrindo os portões

Para a UNESCO, educar é ensinar e aprender a refletir. Um dos principais documentos da Organização, **Educação, um tesouro a descobrir** (quadro na página 36), relatório coordenado por Jacques Delors, que será visto mais detalhadamente no segundo livro desta coleção, **Fortalecendo Competências**, estabeleceu quatro pilares

básicos para a educação. As diretrizes de Delors são hoje a base da Educação e aplicam-se no cotidiano das escolas que se abrem para a comunidade.

Delors dividiu a prática pedagógica em quatro aprendizagens fundamentais, que considerou os pilares do conhecimento de cada indivíduo. Um dos conceitos fundamentais trazidos pelo trabalho de Delors para o Programa Abrindo Espaços, especialmente no momento inicial de abertura da escola, é o de aprender a conviver.

Em milhares de escolas brasileiras, foi a partir da abertura das escolas no fim de semana que gangues rivais, que antes só se encontravam para brigar, passaram a dividir quadras de esporte. Nos festivais de música, a “turma do pagode” aprendeu a conviver com a “turma do funk” e com a “turma do rock”, e assim por diante. O exercício de trazer os diferentes grupos de jovens para a escola e fazê-los encontrar formas pacíficas de convivência, tolerância e respeito à diversidade é uma das principais conquistas do programa e é um dos fatores que explicam a redução da violência nas escolas participantes.

Além disso, a ausência de espaços para o exercício do **protagonismo juvenil** (quadro na página 32) é uma das causas apontadas em diversas pesquisas para a exclusão social. A falta de oportunidades, de um modo geral, contribui para situações cotidianas geradoras de violência. Pesquisas feitas pela UNESCO no Brasil sobre violência nas escolas mostram que muitas agressões físicas, que, em casos extremos, resultavam em homicídios, eram potencializadas pela falta de oportunidades de lazer, especialmente no fim de semana.

transformação pessoal na vida de milhares de jovens, que, por meio das atividades propostas no fim de semana, descobriram seus talentos, potencialidades e tornaram-se mais autônomos. Muitos desses jovens eram identificados apenas pelo seu desempenho formal, muitas vezes ruim, em sala de aula.

Estimular a autonomia dos jovens que participam do programa deve ser uma meta de todos os profissionais envolvidos na abertura das escolas no fim de semana, especialmente porque esse tipo de atitude é favorecido em situações que exigem cooperação, como ensina o filósofo e psicólogo suíço Jean Piaget. O sucesso da abertura das escolas no fim de semana depende essencialmente da cooperação e do empenho de todos os envolvidos no processo – diretores, professores, comunidade, pais, jovens, oficinairos, voluntários, merendeiras e seguranças.

Por isso, a definição que Piaget faz da autonomia encaixa-se perfeitamente no caso da abertura das escolas: “É da autonomia que surge a capacidade que qualquer pessoa tem de ditar as leis para si mesma; contudo, no momento de ditá-las, não toma como ponto de partida sua própria subjetividade, seus gostos e caprichos, mas adota como referência o que poderia desejar para qualquer ser racional”.

## Educação: um tesouro a descobrir

### Os quatro pilares da educação

#### Aprender a conhecer

*Este pilar objetiva estimular o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Os estudantes devem ser estimulados a encontrar prazer em descobrir e em construir o conhecimento. É preciso despertar a curiosidade e a autonomia dos alunos para que se tornem pessoas habilitadas a estabelecer relações entre os conteúdos aprendidos e as situações vividas.*

#### Aprender a fazer

*Os pilares – aprender a conhecer e aprender a fazer – são interdependentes, no entanto, aprender a fazer está mais relacionado ao conceito de investimento nas competências pessoais, a fim de que todos tenham as habilidades necessárias para acompanhar as novas demandas do mercado de trabalho e possam acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento.*

#### Aprender a conviver

*A construção cotidiana de uma cultura de paz depende da capacidade de aprender a viver e a conviver com pessoas e grupos diversos. E este é um dos*

Ociosos, muitos jovens, sobretudo nas regiões mais vulneráveis e empobrecidas das cidades, ficam mais facilmente expostos a situações de risco, como o consumo de álcool e drogas e a prática de delitos. Em entrevistas concedidas a pesquisadores da UNESCO, muitos relataram que basta que os olhos de dois rapazes desconhecidos se cruzem, para que algum dos amigos de ambos decida “tomar as dores”. O resultado quase sempre é a violência física em maior ou menor proporção. Se os rapazes freqüentam a mesma escola, a animosidade

*maiores desafios da educação atual, já que a maior parte da história da humanidade é marcada por guerras e conflitos decorrentes da tradição de administrar conflitos por meio da violência. É preciso criar modelos educacionais capazes de estimular a convivência entre os diferentes grupos e ensiná-los a resolver suas diferenças de maneira pacífica.*

### **Aprender a ser**

*Este pilar refere-se ao conceito de educação ao longo da vida em seu sentido mais amplo, visando ao desenvolvimento humano tanto no aspecto pessoal quanto no profissional. O principal é que as pessoas atinjam níveis de autonomia intelectual que lhes permitam formar seu próprio juízo de valor diante das mais variadas situações. Aprender a ser envolve realização pessoal e capacidade de desenvolver a força criativa e o potencial próprios.*

*Síntese extraída do livro Educação: um tesouro a descobrir; produzida a pedido da UNESCO pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors*

tem grandes chances de chegar à quadra ou ao portão no horário da entrada e da saída.

A convivência entre grupos diversos, uma das principais bases do programa, ajuda a tornar a escola um espaço saudável de socialização livre dos códigos da violência. E isso é uma forma concreta de construir no dia-a-dia as bases da cultura de paz. Para o cientista social e antropólogo Luis Eduardo Soares, a violência é uma modalidade de organização da experiência da sociabilidade (SOARES, 2006).

Em outras palavras, assim como a cultura de paz, a cultura da violência também tem seus **códigos e linguagens** e, para se socializar, o jovem precisará dominar uma das duas linguagens, dependendo das regras que imperam no seu bairro e na sua escola (quadro na página 37).

Em escolas que adotam programas ou projetos voltados para a paz, a ferramenta adequada para que os jovens se sintam parte daquela comunidade, está baseada nos valores de respeito ao próximo. Em escolas onde impera a lei da violência, quem quiser fazer parte da “turma” terá de usar a mesma ferramenta. “A violência é uma certa modalidade disciplinada de auto-realização, de produção de si e de relacionamento. É uma modalidade de organizar a experiência da sociabilidade, ainda que acabe dissipando as condições mesmas da sociabilidade”, diz Soares (SOARES, 2006).

## Na escola

### Linguagem da paz x linguagem da violência

*A linguagem da paz nas escolas está baseada na convivência entre os diversos grupos – em olhar nos olhos do colega, expressar opiniões divergentes. Em nenhum momento, o conflito é negado. O que muda é a forma de resolvê-lo. A tolerância, o respeito ao direito do outro e o diálogo não precisam ser conceitos repetidos cotidianamente de forma “desagradável” no ouvido dos alunos.*

*A paz também pode se expressar simbolicamente. Fazer que grupos considerados como rivais se reúnam para grafitar o muro da escola, ou convidá-los para organizar festivais de música e campeonatos esportivos são ações que, se começam a fazer parte do cotidiano da escola, neutralizam os códigos de violência, e reduzem a tensão do ambiente escolar, conseqüentemente a sensação de insegurança.*

*A linguagem da violência também muitas vezes se manifesta na escola por meio do não-dito: uma breve troca de olhar entre membros de gangues rivais explicita um acerto de contas que se dará no horário da saída; a sensação de insegurança dos alunos, quando estão no pátio, ao olhar em volta para ver quem está se aproximando; o gesto, quase automático, dos alunos que não fazem parte das gangues, de se afastar para dar espaço aos membros delas, quando se cruzam no corredor.*

*Os alunos que chegam a essas escolas rapidamente têm de decifrar os códigos – saber quem manda, quem bate e quem apanha. Quem são os fortes e os fracos. Precisam ainda aprender como se deve proceder para “escapar” ileso ou para fazer parte da turma que “domina”. De modo geral, a violência na escola está pautada na rivalidade entre grupos de alunos que se consideram rivais: moram em bairros diferentes, consideram-se os “donos do pedaço” e lutam com os “donos do pedaço” das regiões vizinhas. Pouco convivem: se um grupo está na quadra, o outro estará no pátio e vice-versa.*

*A linguagem da violência também pode ser explícita: está expressa nas paredes pichadas, na depredação do patrimônio público, no furto de equipamentos, no tráfico de drogas e no porte de arma. A existência de códigos de conduta pautados na violência paira pesadamente sob o ambiente escolar – reduz o ânimo dos professores, apressa o passo das merendeiras e pesa nas costas dos alunos “mais fracos”.*

## Depoimento

### “Eles ficavam sem fazer nada e usavam drogas”

*Julio Jacobo Waiselfisz\**

*Quando fizemos o primeiro trabalho internacional sobre vitimização juvenil, constatamos que este não é um fenômeno tão comum internacionalmente. Há países, como a União Soviética, que têm altas taxas de violência, mas não entre jovens. Países europeus também não têm vitimização juvenil. Este é um fenômeno típico de alguns países latino-americanos, que não se reproduz no resto do mundo. A segunda questão é que a violência entre jovens faz parte do universo masculino.*

*Levantamos preferencialmente a história das gangues. Se perguntasse a um jovem da periferia o que fazia no fim de semana, ele respondia: nada. Ficavam em casa, vendo televisão, ou na rua, bar, boteco, praça. Essas eram as únicas alternativas aos sábados e domingos, além de usar drogas e ingerir bebidas alcoólicas.*

*Para o jovem que não tem muita alternativa financeira, o roubo é uma alternativa válida. Some-se a isso que no fim de semana ele tem mais tempo ocioso e nenhuma alternativa de lazer.*

*A comunidade Roda de Fogo, por exemplo, apresentava um dos maiores índices de violência de Recife e o único espaço disponível em torno de vários quarteirões para fazer qualquer coisa era a escola pública. Sentimos que era preciso fazer alguma coisa para ocupar aquele espaço. Esta foi uma escola que aderiu voluntariamente ao programa.*

*\* Pesquisador e ex-coordenador do Escritório Antena da UNESCO em Pernambuco, onde o programa foi implantado com o nome de Escola Aberta.*

Os resultados do Programa Abrindo Espaços demonstram que a educação é a âncora da construção de uma cultura de paz. Esses resultados fazem parte de um processo que envolve a estruturação de valores, princípios, respeito aos direitos humanos e à diversidade, tendo como base a convivência pacífica, dentro da escola, de todos os grupos existentes na comunidade.

Não há comunidades iguais, nem as escolas podem ser engessadas em programas ou projetos que não possam ser adaptados à sua realidade. Por isso, o desenho do Programa Abrindo Espaços parte de estratégias que permitem a sua replicação. Flexibilidade, autonomia e gestão local possibilitam que estados, municípios e escolas possam adequá-lo às suas necessidades e recursos. Trata-se de um programa único, orientado por uma metodologia norteadora, mas flexível no que diz respeito à formação de equipes, ao estabelecimento de parcerias e à grade de atividades do fim de semana.

Essa flexibilidade, somada às representações que todos os envolvidos no processo têm da condição juvenil, às suas concepções sobre o papel da escola e, principalmente, ao investimento das equipes de coordenação na definição do público e na composição dos demais parceiros, são elementos que diferenciam o programa no momento da sua implantação.

A escola é uma instituição que agrega elementos da sociedade na qual está inserida. Por isso, cada escola é um reflexo da sociedade que a constitui, ao mesmo tempo em que é resultado da sociedade que ajudou a construir. É essa dinâmica que faz com que cada escola seja única. Para alterar esse ciclo de influências em que, por vezes, se reproduzem a exclusão e a injustiça social, é preciso repensar as bases filosóficas que norteiam as práticas pedagógicas. É necessário, portanto, construir um arcabouço teórico capaz de sustentar uma nova atitude da equipe pedagógica diante das expectativas e das demandas de comunidades vulneráveis.

## Escolas de justiça

### A justiça no cotidiano da escola

Leoberto Brancher\*

*Desde 2005, as instituições da Justiça e as Redes de Atendimento à Infância e à Juventude de Porto Alegre têm sido palco de uma experiência inovadora. Denominado Justiça para o Século 21, o projeto é um conjunto de iniciativas da Justiça da Infância e da Juventude, em articulação com as demais políticas públicas, que visa à difusão e implementação das práticas da Justiça Restaurativa na pacificação de violências envolvendo crianças e adolescentes em Porto Alegre.*

*Apoiado pela UNESCO, por meio do Programa Criança Esperança, e por outras agências governamentais e das Nações Unidas, o Projeto Justiça para o Século 21 já mobiliza quase três dezenas das principais instituições locais nas áreas de justiça, segurança, assistência, educação e saúde. Em três anos, foram capacitadas mais de seis mil pessoas.*

*A Justiça Restaurativa é considerada um novo modelo, que parte de uma sólida reflexão crítica aos modelos autoritários da justiça tradicional. Sua metodologia propõe que a resposta para atos de violência, transgressão ou conflitos seja dada, em vez das habituais punições, mediante a realização de encontros entre as pessoas diretamente envolvidas, seus familiares, amigos e comunidades.*

*Os encontros são orientados por um coordenador e seguem um roteiro predefinido, proporcionando um espaço seguro e protegido para as pessoas abordarem o problema em questão e construir soluções para o futuro. A abordagem tem foco nas necessidades determinantes e emergentes do conflito, de forma a aproximar e co-responsabilizar todos os participantes com*

*um plano de ações que visa restaurar laços sociais, compensar danos e gerar compromissos de comportamentos futuros mais harmônicos.*

*A Justiça Restaurativa questiona a validade ética e a eficácia dos modelos impositivos de controle e pacificação social, materializados nos procedimentos judiciais e na instituição da justiça oficial. Segundo essa linha, um conjunto de regras prévias, o cumprimento de sanções punitivas e a existência de autoridades especializadas em aplicá-las dariam conta de resolver os conflitos e os problemas deles decorrentes. A experiência mostra que, ao contrário, esses mecanismos só fazem aumentar o distanciamento entre as pessoas; a burocratização e a impessoalidade no trato com o outro, por sua vez, fazem expandir incompreensões e revoltas, realimentando a espiral da violência.*

*A idéia principal é mudar o foco, hoje concentrado na violação da norma, ou seja, da lei, e passar a analisar o fato como uma consequência da violação do direito de pessoas e de contratos estabelecidos em relacionamentos. Partindo desse ângulo, a expectativa não é mais a da punição e, sim, da construção de um plano de compensação dos danos causados às vítimas e da adequação do agressor aos seus comportamentos futuros.*

*É uma virada que reinventa o lugar da vítima e da comunidade no equacionamento dos conflitos, possibilitando o compartilhamento responsável do problema e das alternativas para sua solução por todo o entorno. Para isso, a metodologia dos encontros ou círculos restaurativos abre um espaço para que cada qual fale do fato com base nas suas próprias perspectivas, expressando seus sentimentos e necessidades.*

*O exercício da palavra, como ensina a psicanálise, é por si só tranquilizador – onde falta diálogo, há violência. Por isso, na Justiça Restaurativa, as partes envolvidas, vítima e agressor, e não as autoridades a quem a solução foi delegada – falam por si, num exercício de autonomia, diálogo e horizontalidade, no qual a autoridade emerge do coletivo sob a forma de valores como respeito, sinceridade, honestidade, compreensão, tolerância.*

*O modelo tradicional baseia-se na imposição do sofrimento como estratégia pedagógica para adequar o comportamento do agressor, mas isso acaba gerando sentimentos e valores negativos como perseguição, submissão, humilhação, hostilidade, antagonismo, revolta e vingança. As práticas restaurativas possibilitam a transformação do conflito em uma oportunidade de aprendizagem vivencial de valores positivos.*

*Ao superar o conflito mediante estratégias que permitem reverter a carga de negatividade contida na punição pura e simples, os círculos restaurativos transformam os conflitos em oportunidades de aprendizagem de valores – sobretudo, do valor justiça, fundamentada não na submissão à autoridade da norma, mas no respeito ao valor dos sujeitos envolvidos na questão. “A justiça como um direito à palavra”, na expressão do filósofo francês Emmanuel Levinas.*

*A introdução das práticas restaurativas em Porto Alegre segue um roteiro sistêmico. Inicia-se no Juizado da Infância e da Juventude, onde é aplicada nos casos de atos infracionais, como são chamados os crimes e as contravenções praticados por pessoas menores de 18 anos. A partir daí, ocorre um processo de difusão interinstitucional, envolvendo profissionais da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fase, que é a antiga Fundação do Bem-Estar do Menor), da Fundação de Assistência Social e Cidadania*

*do Município (instituição responsável pelo programa de cumprimento de medida socioeducativa, denominação da pena imposta aos adolescentes, em meio aberto), e as secretarias de Educação do estado e do município. Em razão do envolvimento de todas essas instituições, as práticas restaurativas são adotadas tanto em unidades da Fase, quanto na Fundação de Assistência Social, em escolas públicas e particulares, além de ONGs.*

*A intenção é que o projeto Justiça para o Século 21 seja implantado em toda a rede escolar do estado. Em 2007, quatro escolas aderiram à iniciativa-piloto de implantar os princípios da Justiça Restaurativa no seu projeto pedagógico, além de adotar suas práticas na resolução dos conflitos ocorridos no cotidiano escolar. A acolhida à proposta tem sido tão grande que a Secretaria Estadual da Educação tem como meta introduzir a Justiça Restaurativa em uma unidade escolar de cada um dos 50 municípios que fazem parte do Programa Escola Aberta (executado em parceria pela UNESCO e o Ministério da Educação). Com isso, as escolas abertas passam a ser, também, Escolas de Justiça.*

*\*Leoberto Brancher é juiz titular da 3ª Vara da Infância e Juventude de Porto Alegre.*

## **Diminui a violência nas escolas do Programa Abrindo Espaços**

Como foi dito anteriormente, proporcionar a convivência entre os diferentes grupos da comunidade é uma das principais explicações para um dos resultados mais expressivos do Programa Abrindo Espaços: a queda nos níveis de violência na escola e no seu entorno. A pacificação do ambiente escolar reflete-se na relação entre alunos, mas também entre eles e os professores e entre os atores da escola e a comunidade.

Não há dúvida de que transformar o ambiente escolar é um dos primeiros passos para a melhoria da qualidade na educação. Não há professor, por mais qualificado que seja, capaz de ensinar em uma escola em situação de conflito, nem aluno, por mais aplicado, que consiga se concentrar, quando sabe que, no horário de saída, o portão da escola vira ponto de encontro de gangues rivais – isso, quando a escola, especialmente a quadra, não é invadida durante o período letivo.

Os resultados apresentados pelo Abrindo Espaços ao longo desses anos permitem afirmar que a aproximação da direção com a comunidade, a participação dos jovens na escola e o atendimento às demandas locais são fatores que favorecem – e muito – a redução da violência nas escolas. Embora essas ações ocorram no fim de semana, elas influenciam positivamente na rotina regular da escola durante a semana. A experiência mostra que os alunos considerados “problemáticos” durante a semana, quando têm a oportunidade de assumir funções importantes no fim de semana – como a organização de uma modalidade esportiva em parceria com um monitor –, assumem na sala de aula a mesma atitude positiva dos sábados e domingos.

Uma das primeiras experiências de abertura das escolas nos fins de semana ocorreu no Rio de Janeiro em 2000. Pesquisa intitulada “Escolas de Paz”, feita com a comunidade escolar um ano depois, em 2001, sobre o Programa Abrindo Espaços, que no Rio de Janeiro recebeu o nome de Escolas de Paz, mostrou que 82% dos educadores e 70% dos alunos acreditavam que a abertura dos portões havia ajudado a pacificar a escola.

A mesma pesquisa revelou que as primeiras escolas que aderiram ao programa em 2000 apresentavam, um ano depois, índices de violência 31% inferiores aos das escolas que ainda não haviam sido abertas à comunidade.

Em Pernambuco, também pioneiro na abertura das escolas com o chamado Escola Aberta, esse índice chegou a ser 54% inferior em uma comparação feita entre os anos de 2000 e 2002.

Em São Paulo, onde o Programa Abrindo Espaços, localmente chamado de Escola da Família, esteve implantado, entre agosto de 2003 e dezembro de 2006, em 5.306 escolas (de um total de 6 mil), os dados de violência na escola e no seu entorno eram coletados pela Polícia Militar e pelos diretores de escola. Comparação entre os meses de fevereiro – um dos mais agitados em razão da volta às aulas - de 2003, 2004, 2005 e 2006, revelou que os episódios violentos registrados contra a pessoa – faltas pedagógicas e crimes tipificados no Código Penal como homicídio e ameaça de morte – tiveram redução de 53%. As ocorrências contra o patrimônio, como depredação da escola e pichação, neste mesmo mês diminuíram 43%.

### **Ganhando escala e consolidando uma política pública: surge o Programa Escola Aberta**

Em 2004, transcorridos já alguns anos da implantação do Programa Abrindo Espaços nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul, o Ministério da Educação (MEC) lançou, em parceria com a UNESCO, o Programa Escola Aberta: educação, cultura, esporte e trabalho para a juventude. Pela primeira vez, um programa idealizado pela UNESCO, por meio de sua representação no Brasil, tornou-se política pública no país.

O Programa Abrindo Espaços já havia acumulado uma experiência importante. Em parceria com secretarias municipais e estaduais de Educação, em 2004, chegou a abrir 10 mil escolas para atender 2,6 milhões de crianças e jovens, majoritariamente em São Paulo.

Atualmente, o Programa Escola Aberta está implantado nos 26 estados e no Distrito Federal. Em alguns estados, o Programa Abrindo Espaços deu lugar à implementação do Escola Aberta, consolidando uma política pública. No Rio Grande do Sul, por exemplo, onde as escolas começaram a abrir em 2003, a Assembléia Legislativa aprovou por unanimidade, em 2007, lei que torna o Programa Escola Aberta para a Cidadania, nome local do Abrindo Espaços, uma

política pública estadual, com orçamento próprio. No Rio de Janeiro, onde, em 2000, as primeiras escolas foram abertas, 20 municípios e mais a capital abrem escolas no fim de semana.

A participação do governo federal na ação de abrir escolas marca nova fase do programa que vai além de uma mudança de denominação de Abrindo Espaços para Escola Aberta. O primeiro desafio diz respeito à gestão. A administração tornou-se mais complexa em razão da necessidade de articular número maior de parceiros. São quatro ministérios: Educação, Trabalho e Emprego, Esportes e Cultura, além da UNESCO e das secretarias municipais e estaduais de Educação.

O segundo desafio é articular as agendas e demandas dos estados e municípios com a realidade de uma política pública nacional. É preciso definir uma linha mestra comum, baseada nos princípios da cultura de paz, que possa ser executada por todos os estados e municípios sem que o Programa Escola Aberta perca a flexibilidade. Como o programa federal foi implantado em estados em que o Abrindo Espaços já estava consolidado (caso de Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul), houve a necessidade imediata de harmonizar os programas localmente, sem perder de vista o cenário nacional.

Há diferenças entre os dois programas – o Abrindo Espaços e o Escola Aberta – assim como sempre houve distinções regionais no âmbito do próprio Abrindo Espaços. Em São Paulo, por exemplo, as oficinas eram coordenadas por voluntários ou universitários, que recebiam bolsa de estudos e, em troca trabalhavam nas escolas no fim de semana. No Rio, osicineiros sempre foram remunerados e em Pernambuco eram voluntários.

Um dos motivos que levou o Abrindo Espaços a se tornar política pública é a constante troca de experiências e de avaliações, caso do Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e Bahia. Isso possibilitou a consolidação das estratégias utilizadas pelas escolas na relação com as comunidades e o

mapeamento dos problemas mais comuns decorrentes dessa aproximação, permitindo ao programa federal se valer das experiências anteriores.

Os estados que primeiro aderiram ao Abrindo Espaços acumularam conhecimento em relação às parcerias trazidas para o âmbito da escola, seja com a iniciativa privada ou com organizações não-governamentais. Os coordenadores regionais aprimoraram o diálogo com instâncias de governo, sindicatos e profissionais da educação lotados nas escolas, que são a ponta do atendimento.

Como principais gestores do Programa Escola Aberta, o Ministério da Educação e a UNESCO passaram a dar maior ênfase à instituição escolar, buscando de forma mais sistemática, a interação das atividades do fim de semana com a escola regular de segunda à sexta-feira. Criou-se um novo ator: o professor comunitário, um profissional da rede de ensino responsável por aproximar essas duas realidades.

Com a consolidação do Programa Escola Aberta, o MEC e o Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) reforçaram a autonomia das escolas participantes, incluindo-as, a partir de maio de 2006, no grupo daquelas que recebem recurso direto do governo federal, por meio de um programa de transferência que, até 2008, tinha o nome de Programa Dinheiro Direto na Escola. A medida permite que as escolas financiem ações fundamentais para a abertura no fim de semana, a partir da sua própria necessidade.

Para a UNESCO, a decisão de repassar recursos diretamente às escolas é um avanço em direção à autonomia escolar.

No próximo capítulo, os profissionais que implantaram o Programa Abrindo Espaços no país, revelarão as particularidades que exemplificam a flexibilidade do programa e as histórias que o singularizam regionalmente.



*Em bairros sem espaços públicos de lazer, a escola é muitas vezes a única alternativa para as crianças (AM).*



## APRENDENDO COM AS EXPERIÊNCIAS ESTADUAIS

O berço do Programa Abrindo Espaços foram os estados de Pernambuco e do Rio de Janeiro, em 2000. Logo a seguir, em 2001, Bahia, e em 2003 Rio Grande do Sul e São Paulo aderiram a ele. Depois do desenho inicial, o programa gradativamente passou por um processo de revisão com base na sua execução e na relação com os parceiros, especialmente a comunidade.

O Programa Abrindo Espaços sempre teve um objetivo claro – é um programa de inclusão social que se utiliza de ferramentas da cultura de paz. O foco também sempre foi claro: o jovem, a escola e a comunidade. Mas como fazer para abrir uma escola pública no fim de semana? Como garantir o envolvimento da comunidade? Que atividades oferecer para que os jovens participem? Como selecionar as escolas que participam do programa? Como convencer o diretor, a principal liderança da escola, a aderir ao programa? Como contribuir para transformar a escola?

Algumas dessas questões foram amplamente discutidas nos primeiros estados em que se implantou o Abrindo Espaços. Em muitos casos, os desafios e as dificuldades foram superados de forma semelhante, mas a realidade local se mostrou determinante no processo de construção do programa. A seguir, apresenta-se um resumo da experiência dos pioneiros na abertura das escolas no fim de semana, de acordo com a vivência de cada coordenador regional.

## Pernambuco

### Projeto Escola Aberta

(nome local do Programa Abrindo Espaços)

*Número máximo de escolas abertas:* 450

*Início do projeto:* agosto de 2000

*Número de beneficiários:* 360.000

*Coordenador de 2000 a 2004:* Julio Jacobo Waiselfisz

*Situação atual:* Entre 2005 e 2006, a rede migrou para o programa federal Escola Aberta, hoje presente em 450 escolas na capital, na região metropolitana e no interior, consolidando a política pública de abertura das escolas nos fins de semana.

## Uma experiência comunitária de coesão social

A experiência de Pernambuco revela que recursos financeiros não são o elemento mais importante para o processo de abertura das escolas e, sim, o capital social das comunidades. O coordenador das atividades do fim de semana precisa ter boa penetração na comunidade. A participação da comunidade na gestão assegura a legitimidade do programa e toda essa engrenagem só dá certo quando a escola quer, de fato, abrir suas portas aos sábados e domingos.

### Fala Julio Jacobo Waiselfisz

*A idéia de abrir as escolas, como estratégia de prevenção à violência, foi discutida, no ano 2000, no âmbito do Fórum Metropolitano de Cultura de Paz, porque Recife sempre aparecia nas pesquisas como uma das cidades mais violentas do país. Ainda não havia acordo específico nesta área entre a UNESCO e o governo do Estado, por isso contávamos com pouco recurso financeiro e muito boa vontade.*

*Depois de algumas reuniões sobre o tema, a Secretaria de Estado da Educação entrou com algum recurso e, no dia 2 de agosto de 2000, abrimos 15 escolas estaduais na região metropolitana do Recife e 15 escolas municipais localizadas na capital. Depois de muita articulação, no dia 14 de abril de 2001, com direto a cartazes, banda de música, ato solene e a presença de todos os prefeitos, finalmente fizemos o lançamento do Escola Aberta incluindo todas as prefeituras da região metropolitana.*

### **Seleção das escolas**

*Criamos um instrumento chamado de “termômetro da violência escolar”. Era muito simples: perguntava-se ao diretor quantos furtos haviam sido registrados na cantina da escola, o que ele havia feito e se o entorno era perigoso. Diante dessas informações tínhamos, mais ou menos, um retrato da situação.*

*Primeiro pensamos em abrir o projeto nas escolas do centro da cidade, que são de classe média. Depois percebemos que isso não fazia sentido nem que a escola dispusesse de um ginásio enorme.*

*No segundo ano, fizemos uma espécie de recrutamento e começamos a selecionar as escolas com algum equipamento, como ginásio, auditório ou pelo menos um pátio grande. Era preciso também estar localizada num meio considerado violento. Conseguimos uma demanda de escolas maior do que poderíamos atender.*

### **Relação com a comunidade**

*Dada a escassez de recursos, montamos um esquema de custos extremamente baixos e, administrativamente, operamos de forma pouco convencional: não instalamos grandes sistemas de controle porque o custo seria muito elevado. Repassávamos R\$ 200,00 mensais para as escolas comprarem material para as oficinas. Colocávamos cartazes no pátio ,informando o*

*valor do repasse. O controle que os alunos e os monitores passaram a fazer foi tão efetivo que nem precisaríamos de nota fiscal (que sempre pedíamos por questões legais). Chamávamos este esquema de 'anarquia levemente organizada'.*

*É importante dizer que as escolas tinham uma enorme dose de autonomia. Havia uma organização central, formada por um comitê metropolitano com representantes da Secretaria de Estado e das 14 secretarias municipais que participavam do projeto. Eram mais ou menos 20 pessoas. O coordenador discutia as linhas estratégicas do projeto. Havia ainda equipes nos municípios com autonomia para definir suas atividades.*

*As escolas tinham um coordenador para o fim de semana, monitores voluntários e alguns pagos para realizar atividades que não existiam na comunidade. Por exemplo, fizemos um acordo com a Associação de Mestres de Corais de Pernambuco. Chegamos a ter três mil voluntários trabalhando.*

### **Profissional-chave**

*O dinamismo do coordenador escolar é fundamental para enriquecer a grade de atividades. É um agente que interligava a escola com a comunidade, uma pessoa que tinha de ter presença comunitária e que mensalmente passava por uma capacitação.*

*Para selecionar esses coordenadores, pedíamos ao diretor da escola que nos indicasse três pessoas de sua confiança dentro de determinados critérios. Era preciso ter vivência comunitária e não ser parente ou familiar do diretor. Se fosse estudante da escola, melhor. A equipe central entrevistava os três e escolhia um deles.*

### **Atraindo jovens**

*A mobilização dos jovens para participar do programa depende muito das atividades oferecidas pela escola: 70% do nosso público era dessa faixa*

*etária. Por exemplo, teatro e dança de salão atraem jovens. Registro que nossa estratégia não era trabalhar com jovens em situação de risco. Penso que, se focássemos nos jovens em conflito com a lei, causaríamos segregação, e queríamos sempre um público maciço. Mas tínhamos muitos usuários de droga e alguns infratores chegavam espontaneamente.*

### **Resultados positivos**

*Em 2000 e 2003, fizemos dois grupos de avaliação dando notas para as escolas que participavam do projeto e para as que não participavam. Não houve nenhuma diferença significativa, apontando para a influência no desempenho escolar dos alunos. No entanto, muitas avaliações mostraram que o projeto teve um impacto enorme sobre a vida escolar: os professores estavam contentes e os alunos, também.*

*Penso que o projeto cria uma melhor condição de relacionamento, permite que as pessoas se aproximem e estabeleçam redes e relações sociais. Temos evidências que comprovam isso. Por exemplo, o tipo de delito que mais cai é o de natureza interpessoal, como pequenas brigas.*

### **Parcerias**

*O perfil dos voluntários era um pouco diferente do que se vê no resto do país – 80% deles eram jovens das próprias comunidades, tendo a maioria estudado na escola. Escolhíamos aqueles que tivessem alguma habilidade – tocassem um instrumento, dançassem, participassem de teatro, e assim por diante – e que tivessem boa penetração na comunidade.*

### **Amadurecimento comunitário**

*O melhor indício que temos de que a comunidade se apropriou do projeto é que 80% das escolas criaram a própria autonomia. Tentamos fazer um projeto independente e a comunidade quis que as escolas cumprissem seu papel. No projeto, muitas vezes funciona mais ter capital social do que capital econômico.*

## Rio de Janeiro

### Programa Escolas de Paz

(nome local do Programa Abrindo Espaços)

Número máximo de escolas abertas: 300

Início do projeto: agosto de 2000

Número de beneficiários: 120 mil

Coordenadora de 2002 até o momento:

Regina Vassimon

*Situação atual:* A partir de 2005, a rede de escolas abertas no estado migrou para o programa federal Escola Aberta, hoje presente em 311 escolas na capital, na região metropolitana e no interior.

## Programa vivencia etapas distintas e experimenta diferentes formatos

Dos cinco estados pioneiros no programa, a experiência do Rio de Janeiro é a que passou por mais mudanças, tanto em termos de estrutura, apoio e recursos financeiros, quanto do desenho local. Algumas discussões iniciadas no Rio, em 2001, seguem atuais até hoje, como o desafio de integrar as atividades da semana regular com as do fim de semana.

### Fala Regina Vassimon

*Quando houve a decisão de abrir escolas aqui no Rio, um dos objetivos era, além da inclusão social, transformá-las em locais de eventos relacionados à paz, para arrecadar assinaturas para o Manifesto 2000. Estávamos no auge da mobilização do Ano Internacional para a Cultura de Paz. Na ocasião, foram abertas 111 escolas, de agosto a dezembro. Muitas delas eram Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), que são da rede estadual, têm boa estrutura e já contavam com animadores culturais na equipe pedagógica.*

*As escolas contavam com muito apoio e recurso. Recebiam cerca de R\$ 2 mil mensais para comprar material e fornecer alimentação aos participantes. Abriam, na maior parte das vezes, apenas aos sábados. A experiência foi monitorada e avaliada por um grupo de pesquisa, resultando em uma publicação chamada Escolas de Paz, e acabou sendo laboratório e fonte para a criação de uma metodologia que seria implantada em seguida.*

*Depois dessa experiência, um grupo formado por consultores, técnicos da UNESCO e do governo passou, de janeiro e agosto de 2001, redesenhando*

*o formato do programa. Ficou claro que o protagonismo dos jovens havia ficado aquém do que se esperava e chegou-se à conclusão de que, como a grade de atividades era decidida por docentes e adultos, eles não tinham muita interferência no processo e eram vistos como beneficiários sem espaço de participação.*

*Quando as escolas reabriram, em agosto de 2001, houve uma ampliação para 232 unidades escolares distribuídas por todo estado e criou-se uma categoria dentro da rede das Escolas de Paz, as “escolas especiais”. Em 30 delas, eram desenvolvidas atividades sob a responsabilidade de organizações não-governamentais, com a intenção de ampliar o cardápio de atividades e replicar uma tecnologia de trabalho com jovens já testada por essas organizações. A experiência, pioneira no programa, durou seis meses e aprendeu-se com ela que a participação de grupos de fora funciona melhor quando é estabelecida pela escola.*

*É totalmente possível montar uma oficina de percussão ou circo conduzida por um grupo de fora, mas não funciona definir uma parceria para realizar atividades na escola por quem não é do local. As pessoas se sentem invadidas, surgem competições.*

*Durante esta segunda etapa, foi feita uma nova pesquisa de monitoramento para avaliar o desenvolvimento do programa e, a partir disso, foi possível desenhar um formato. Cada escola contava com um coordenador escolar, que era um funcionário da escola, um coordenador representante da comunidade e quatro monitores jovens, que atuavam como oficinairos.*

*Com base nas informações da pesquisa e nas experiências anteriores, algumas alterações foram propostas em 2003, em especial para fortalecer a autonomia de gestão das equipes locais, como a inclusão dos oficinairos no planejamento e na avaliação das ações no fim de semana.*

*Foi com esse formato e com toda essa experiência que as escolas do Rio aderiram ao Programa Escola Aberta. Aprendemos muito com o Programa Abrindo Espaços e hoje, quando propomos novos caminhos no Escola Aberta, é com base nessa estrada do Abrindo Espaços.*

*É importante dizer que, fizemos muitos redesenhos, mas o cerne do programa não mudou nem com a transição para o Escola Aberta. Também é preciso pontuar que, depois da primeira fase, em 2000, durante muitos períodos o programa enfrentou sérios problemas administrativos de falta de recurso para financiar atividades e algumas escolas chegaram a fechar por períodos determinados.*

### **Seleção das escolas**

*Priorizou-se a abertura de escolas com bom espaço físico e equipamentos adequados, como quadra de esportes, pátio, cozinha e refeitório, laboratório de informática e biblioteca. Outro critério para a escolha das escolas foi o de estarem localizadas em áreas com elevada incidência de violência e com poucas opções de cultura. Esses critérios são relevantes até hoje.*

*Um conjunto de critérios foi desenhado pela UNESCO e pela Secretaria de Educação. Unidades escolares localizadas em áreas próximas às praias ou em bairros de classe média, com opções de lazer, apresentaram um “desempenho” muito aquém das localizadas em áreas com baixa oferta. Comunidades atendidas por diversas outras ações, como a Rocinha, por exemplo, também não foram muito significativas.*

### **Relação com a comunidade**

*Todos os atores envolvidos no programa entenderam que as escolas aumentaram sua inserção na comunidade. Hoje há maior escuta das demandas, ainda que isso precise ser melhorado com mecanismos mais eficazes de participação comunitária. Apesar de alguma resistência, já se*

*discute a atitude de os diretores “acharem” que conhecem as necessidades e desejos das comunidades sem ouvi-la”.*

### **Profissional-chave**

*Não diria que há um profissional-chave, mas sem o entusiasmo e o apoio do diretor e uma boa equipe local realmente afinada com a comunidade e suas demandas, tudo fica mais difícil. Diria que é uma equipe-chave, com a coordenação de uma pessoa que zele pela democracia e pela participação, não importa que seja um jovem, um professor ou alguém da comunidade.*

### **Atraindo jovens**

*A pesquisa de monitoramento feita em 2000 trouxe, pela primeira vez, o conceito de “juventudes”, que identifica os diferentes tipos e realidades dos jovens brasileiros, e também o conceito de gestão local. Pensamos: como vamos ouvir a comunidade, se a escola não montar sua própria equipe? Depois que as escolas montaram suas equipes, os jovens foram ouvidos e começaram a chegar.*

*O Abrindo Espaços era implantado em escolas de ensino médio, que é justamente de onde vinham muitos dos nossos monitores; o público-alvo, os jovens, tinham acesso e familiaridade com o espaço. Nosso público sempre foi formado por 60% de jovens, mas adultos e crianças também participavam das atividades. Uma coisa ficou clara: em escolas em que os jovens tinham espaço e definiam as atividades, a tendência era receber a juventude do entorno.*

### **Resultados positivos**

*A experiência do Rio trouxe questões que ainda hoje são um dilema a ser resolvido no processo de abertura das escolas, por exemplo, como integrar as atividades do fim de semana com a semana regular. As questões da*

*autonomia escolar e do controle social ainda não foram totalmente resolvidas em muitos estados.*

*Outro aspecto é a redução de violência nas escolas e no entorno. Tivemos até mesmo meninos que saíram do tráfico. Posso dizer que resolvemos a violência nas escolas do Rio? Não. Mas posso afirmar que os conflitos interpessoais foram reduzidos, assim como a depredação das escolas e a incidência de gangues, que é uma violência tipicamente escolar.*

### **Parcerias**

*A maioria das parcerias era feita com ONGs, para dar oficinas nas escolas. Também havia parcerias entre as escolas do programa, que trocavam oficinas e desenvolviam ações conjuntas. Também no Rio de Janeiro, fizemos o primeiro edital público, convidando ONGs para participar do programa.*

### **Amadurecimento comunitário**

*O programa aqui no Rio amadureceu de tal forma, foi sendo tão bem aceito pelos jovens e pela comunidade, que quase não houve mudanças quando houve a migração para o Escola Aberta. É toda essa experiência que faz com que tenhamos 310 escolas que se abrem no fim de semana, em 20 municípios. Temos um público estimado de 90 mil pessoas por final de semana, se somarmos todas as escolas do estado.*

## Comunidade abraça o programa e dribla resistência

A experiência da Bahia revela que o programa funciona melhor quando se torna uma política de estado. O caso da Bahia ensina ainda que, quando a comunidade abraça o programa, luta pela manutenção da abertura das escolas, mesmo quando ocorrem problemas administrativos.

### Fala Anailde Almeida

*Aqui na Bahia, havia uma prática de abrir escolas no fim de semana para atender às demandas da comunidade, mas isso era feito sem metodologia. Quando o então secretário de Educação ouviu falar que havia um programa com essas características em Pernambuco e no Rio, procurou a UNESCO, com o objetivo de implantar uma ação que contribuísse para a redução dos índices de violência entre os jovens baianos e aproximasse a escola da comunidade. Estávamos no ano de 2001.*

*A negociação política que asseguraria recurso para as atividades até a assinatura do acordo de cooperação foi lenta. Já era outubro de 2001, quando o processo para uma experiência-piloto de um ano foi finalizado. Resultado: no momento em que fomos autorizados a fazer sondagem inicial, diagnóstico e sensibilização, as escolas estavam completamente ocupadas com o fechamento do ano. É muito importante ter em mente que este projeto precisa ter um tempo certo para abordar as escolas. A decisão não pode ser apenas política. Essa realidade provocou uma adequação metodológica. Começamos o projeto com a adesão de apenas cinco escolas e trabalhamos com esse*

## Bahia

Projeto Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz

(nome local do Programa Abrindo Espaços)

Número máximo de escolas abertas: 100

Início do projeto: dezembro de 2001

Número de beneficiários: 50 mil

Coordenadora de 2001 a 2004: Anailde Almeida

Situação atual: A partir de 2005, a rede de escolas abertas no estado migrou para o programa federal Escola Aberta, hoje presente em 107 escolas da capital, da região metropolitana e do interior.

*público de outubro de 2001 a março de 2002. A maioria dos diretores tinha uma resistência enorme ao programa. Fizemos uma seqüência de reuniões de sensibilização, apresentação da estrutura, metodologia e resultados nos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco. Mesmo assim, passamos os primeiros seis meses só com as cinco primeiras escolas abertas. Mesmo as que cediam espaço para a comunidade no fim de semana se assustavam com a perspectiva de receber todas as pessoas sem nenhuma restrição.*

*O que houve de muito positivo foi que acompanhamos intensamente essas cinco escolas, ajustando a metodologia às necessidades e à realidade das comunidades do entorno.*

*Em março de 2002, começamos outra etapa e outras escolas foram aderindo sem dificuldades até atingirmos a meta de 100 escolas abertas. Não conseguimos manter esse número, porque algumas escolas fechavam, outras entravam em reforma e ainda havia mudança de direção, o que significa perder todo trabalho anterior de sensibilização. Entretanto, a execução foi muito bem-sucedida e a comunidade aderiu ao programa, permitindo manter a meta de 100 escolas abertas.*

*A dificuldade era na dimensão política. Entre 2003 e 2004, tivemos cinco ou seis mudanças de secretários de Educação.*

### **Seleção das escolas**

*Procuramos escolas estaduais com equipamentos físicos adequados, em regiões com altos níveis de violência, onde as comunidades viviam em condições de vulnerabilidade social. Recebíamos relatórios feitos pela Secretaria de Segurança, e a Secretaria de Educação participava na identificação das escolas que estivessem de acordo com esses critérios. A avaliação de um ano do programa mostrou um impacto muito forte na redução dos índices de violência entre os jovens e na melhoria da relação escola-comunidade.*

## **Relação com a comunidade**

*O programa acabou sendo mais voltado para a comunidade do que para a escola. Como ele começou em outubro de 2001, nos meses seguintes – de novembro a fevereiro – as escolas estavam em férias. Assim, partimos para as comunidades e elas de fato se apropriaram do espaço vazio.*

*Quando o corpo escolar voltou às suas atividades, encontrou a comunidade completamente à vontade na escola, tanto que isso inicialmente gerou alguns desentendimentos entre a equipe do programa e os professores da escola.*

*O professor da escola ficava ressentido de que no fim de semana houvesse tanto material, tanta novidade, tanta atividade, enquanto ele ficava restrito à monotonia da sala de aula. Investimos na integração da escola do fim de semana com a escola da semana, mas essa é uma conquista difícil.*

## **Profissional-chave**

*A principal referência na escola era o coordenador, geralmente um líder comunitário, convidado para a função. Havia ainda uma equipe de coordenação, composta por três núcleos: gestor, executor e avaliador. A equipe de execução foi montada com funcionários da Secretaria de Educação.*

*Tínhamos diretores que iam às escolas no fim de semana e ajudavam a produzir resultados excelentes, e diretores que não apareciam na escola. Nesses casos, tínhamos de fazer um trabalho muito maior de acompanhamento para assegurar os resultados desejados.*

## **Atraindo jovens**

*Observamos que, no início, os jovens quase não participavam. Descobrimos que o motivo era a logomarca do programa – uma roda, com todos de mãos dadas. A leitura imediata era de uma atividade para crianças, uma ciranda. Fizemos um novo estudo de logomarca e criamos um berimbau. Com a comunicação da capoeira, atraímos os jovens.*

## Resultados positivos

*Houve uma série de resultados positivos, que se refletiram nas questões pedagógicas, relacionadas à diminuição da evasão escolar, da repetência, da motivação nas aulas, no zelo com o equipamento escolar e na qualidade das relações interpessoais entre professores e alunos. Os diretores traziam muito esse retorno, além do impacto maior, que foi na redução da violência na escola.*

## Parcerias

*Buscamos muitos parceiros e fomos bem-sucedidos. Em 2003, contamos com recurso, até mesmo, de programas do governo federal, como o Fundo de Apoio ao Trabalhador (FAT). Como a comunidade tinha muito interesse nas oficinas do Abrindo Espaços, pressionavam por sua continuidade na mídia e na própria Secretaria da Educação. Seleccionávamos as pessoas que estavam se destacando nas oficinas da escola e encaminhávamos para o FAT, com o objetivo de profissionalização. Esses cursos também funcionavam nas escolas no fim de semana.*

*Além disso, contávamos com ONGs para dar oficinas de informática, Tínhamos aproximadamente mil voluntários participantes, realizando oficinas no fim de semana. Acabamos atendendo à demanda por atividades ligadas ao meio ambiente, telecomunicações, informática e língua estrangeira.*

## Amadurecimento comunitário

*A Secretaria da Educação decidiu revisar o programa. Então, por um período, as escolas ficaram fechadas. O que aconteceu a partir daí foi muito impactante: a comunidade carregava literalmente nas costas tudo o que era necessário para as oficinas, de vassoura a caixas de som. Quando a diretora não permitia mesmo que as pessoas entrassem, ficavam do lado de fora do portão, fazendo pressão. Faziam isso todo sábado e domingo e conseguiram reverter a situação.*

*Mesmo sem recurso e sem nenhuma instituição se envolvendo nas atividades, a comunidade garantiu a sustentabilidade do programa, e as escolas ainda abriram por quase seis meses sem que faltassem oficinairos voluntários e material para as oficinas. Foi a maior evidência de que o programa havia produzido os melhores resultados. Deu certo.*

## Desenho local do programa é feito de forma participativa

A experiência do Rio Grande do Sul mostra que, em sociedades maduras do ponto de vista participativo, o programa tende a ser apropriado de forma mais institucional pela comunidade. Porto Alegre tem uma tradição de participação social que a distingue no país: foi a capital gaúcha que abrigou as primeiras edições do Fórum Social Mundial e é onde o Orçamento Participativo já é uma instituição. Lá, a Assembléia Legislativa aprovou por unanimidade o Projeto de Lei do Executivo que transformava o Escola Aberta em política pública no estado, independentemente dos interesses político-partidários.

### Fala Marisa Sari

*Aqui no Rio Grande do Sul, o Programa Abrindo Espaços, que se denomina Escola Aberta para a Cidadania, começou com um piloto de 50 escolas estaduais, em agosto de 2003, no âmbito de uma parceria entre a Secretaria de Educação e a UNESCO, com apoio do Banco do Rio Grande do Sul e de outros parceiros. O acordo de cooperação técnica foi assinado entre a UNESCO e o governo*

## Rio Grande do Sul

Programa Escola Aberta para a Cidadania  
(nome local do Programa Abrindo Espaços)

*Número máximo de escolas abertas:* 150

*Início do projeto:* agosto de 2003

*Número de beneficiários:* 210 mil

*Coordenadora de 2003 a 2005:* Marisa Sari

*Situação atual:* A partir de 2005, parte da rede de escolas abertas no estado migra para o programa federal Escola Aberta (146 escolas) e parte permanece no Escola Aberta para a Cidadania (109 escolas no interior).

Em 2007, o programa tornou-se política pública estadual com lei aprovada pela Assembléia Legislativa.

*do estado em dezembro do mesmo ano, para abrir, a partir de 2004, 150 escolas estaduais da capital, da região metropolitana e do interior.*

*O principal objetivo era reduzir e prevenir episódios violentos que envolvessem jovens, mediante a oferta das atividades propostas no fim de semana. No começo, os diretores e professores resistiram à inovação, com receio de perder o descanso semanal. Traçado o perfil das comunidades a serem contempladas pelo projeto, a participação das escolas deu-se por adesão.*

### **Seleção das escolas**

*Desde 1995, há uma lei estadual que garante a autonomia das escolas. Isso significa que a adesão é, de fato, voluntária, mas aqui teve uma característica muito interessante: o formato local do projeto foi desenhado e decidido coletivamente. A metodologia e a filosofia foram mantidas, mas, nos aspectos em que há flexibilidade, como o formato das equipes, as decisões passaram por uma ampla discussão, incluindo todos os atores.*

### **Relação com a comunidade**

*Pais e mães, representantes dos Círculos de Pais e Mestres, são a voz de uma parte importante da comunidade, participando, em muitos casos, da montagem da grade das atividades a serem oferecidas nos fins de semana. Em algumas escolas, por exemplo, propuseram oficinas de culinária, que foram implantadas e deram muito certo.*

*Em 2007, foi feita uma inovação: os recursos que as escolas recebem mensalmente são repassados ao Círculo de Pais e Mestres, que realiza os pagamentos e a prestação de contas. Outro indicador da aproximação com a comunidade é o número de voluntários responsáveis por oficinas: 1.300.*

### **Profissional-chave**

*Não há um profissional, há um conjunto de profissionais. Aqui os diretores comparecem às escolas no fim de semana e isso faz toda a diferença. O*

*monitor comunitário também é muito importante e osicineiros são, sem dúvida, a alma do projeto. A partir de 2007, fizemos algumas alterações e passamos a dar uma ajuda de custo para todos osicineiros, além de investir, com prioridade, na sua qualificação.*

### **Atraindo jovens**

*Os jovens de 16 a 20 anos representam 17% do total do público. Eles são líderes de oficinas de dança e de esportes. Muitos se tornamicineiros e já há grupos de dança de rua (street dance), formados dentro das escolas, que são conhecidos no estado. Pretende-se melhorar esse índice de participação dos jovens, buscando oferecer atividades que os atraiam.*

### **Resultados positivos**

*O programa gera melhorias na integração entre a escola, a família e a comunidade local e isso é percebido, até mesmo, nas atividades regulares de segunda a sexta-feira. Os pais passaram a acompanhar mais de perto a vida escolar dos filhos, as escolas não sofreram mais depredação e melhorou a relação entre os alunos e os professores em sala de aula. A articulação entre a comunidade e a escola também ficou fortalecida.*

*Para o senso comum da população, o projeto inovou, ao mostrar que os espaços públicos devem se abrir para oferecer alternativas de lazer às comunidades. Essa idéia de democratização do espaço escolar mobilizou as pessoas. Tínhamos jornalistas todo fim de semana dentro das escolas, monitorando, vendo, checando. Há uma escola na Restinga, um dos bairros periféricos de Porto Alegre, que se transforma em um “clube” no fim de semana. Quem se refere assim à escola é a própria comunidade, porque muitas comemorações acontecem ali.*

### **Parcerias**

*O projeto conta com 500 parceiros. Há, por exemplo, parcerias com universidades, para que os estudantes atuem nas escolas no fim de semana.*

*A companhia de energia elétrica AES Sul financia as 'Oficinas da Paz', que envolvem artes visuais, literatura, música, dança e teatro, por meio da Lei de Incentivo à Cultura. É muito importante também a parceria da Secretaria de Educação com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Ministério da Educação, iniciada em 2005, visando à realização de um curso de pós-graduação, em nível de especialização. O principal objetivo desse curso é qualificar profissionais para a análise das questões sociais e culturais contemporâneas e, especialmente, para o exercício de atividades de planejamento, coordenação, execução e avaliação no âmbito das escolas abertas.*

### **Amadurecimento comunitário**

*O projeto foi incorporado de tal forma ao sistema estadual de ensino que, em 18 de dezembro de 2007, foi aprovada por unanimidade pela Assembléia Legislativa, e sancionada pelo governo, a Lei 12.865/07, que transformou o Projeto Escola Aberta para a Cidadania em política pública permanente, com orçamento próprio, em que, atualmente, são assegurados recursos financeiros para as 109 escolas abertas.*

## Programa é prioridade e vira política pública estadual

A experiência de São Paulo mostra que, quando o programa faz parte da política educacional do estado, ganha força institucional e consegue potencializar as ações voltadas para o fortalecimento da escola. Este caso revela que, sempre que o programa se expande – e passa a gerenciar milhares de pessoas –, é preciso criar redes de comunicação eficazes, para que sua filosofia esteja presente em todas as ações realizadas na escola.

### Fala Cristina Cordeiro

*A Secretaria de Educação fez uma pesquisa entre os professores da rede, em maio de 2003, com a seguinte pergunta: “qual é a escola dos seus sonhos?”. A maioria das respostas apontava para duas direções: a primeira, a melhoria do ambiente de trabalho para os professores; a segunda, a redução da violência no ambiente escolar.*

*Começamos, então, a pensar em opções que trouxessem o lúdico para o ambiente escolar e que, ao mesmo tempo, envolvessem a comunidade. Seria importante também trabalhar a prevenção da violência a partir do protagonismo juvenil. Aqui em São Paulo, já havia um projeto-piloto de abertura das escolas públicas, mas, como a intenção era implantá-lo para toda a rede, precisávamos de uma metodologia. Assim, o então secretário de Educação fez contato com a UNESCO e implantamos, em praticamente todas as escolas estaduais de São Paulo, o Programa Escola da Família.*

*Na primeira videoconferência que fizemos para apresentar o programa, os diretores ficaram muito assustados. Eles manifestaram medo da depredação*

## São Paulo

### Programa Escola da Família

(nome local do Programa Abrindo Espaços)

*Número máximo de escolas abertas:* 5.306

*Início do projeto:* agosto de 2003

*Número de beneficiários:* 1,5 milhão

*Coordenadora de agosto de 2003 a dezembro de 2006:*

Cristina Cordeiro

*Situação atual:* O Programa Escola da Família abre 2.530 escolas na capital, na região metropolitana e no interior; o programa federal Escola Aberta, iniciado em junho de 2007, abre 33 escolas municipais em cinco cidades da região metropolitana.

*das escolas e ficou claro que ninguém estava preparado para acolher os jovens produtores dessa violência. Mas, desde o início a rede entendeu que esta seria uma ação prioritária do governo para a área da Educação, porque o programa foi apresentado pelo próprio secretário, que também respondeu às dúvidas dos diretores.*

### **Seleção das escolas**

*O Programa Escola da Família foi implantado em 5.306 escolas de um total de 6 mil. Só ficaram de fora as escolas localizadas em bairros-dormitórios, a que os alunos só vão durante a semana. São escolas localizadas em áreas muito centrais, longe de bairros residenciais. A abertura de todas as escolas foi um marco para a educação de São Paulo e possibilitou a reflexão sobre o papel social da instituição.*

### **Relação com a comunidade**

*Não adianta abrir a porta da escola, se não for para acolher a comunidade, mas muitas vezes a equipe da escola não está preparada para isso. A convivência comunitária, em uma cidade que tem periferias violentas como São Paulo, envolve questões complexas. Aprendemos que polícia dentro da escola afasta a comunidade, então a proposta é que os moradores cuidem do espaço. O educador profissional negociava isso com os moradores, sabendo que havia concessões que jamais poderiam ser feitas. Nas escolas, não entravam armas, nem drogas, por exemplo. O número de participações no programa (pessoas registradas nas oficinas, lembrando que cada pessoa podia e fazia mais de uma atividade), é um bom indicador da relação com a comunidade. Chegamos a ter 7 milhões de participações mensais.*

### **Profissional-chave**

*Para o Programa Escola da Família, o profissional-chave era o gestor escolar, geralmente o diretor ou o vice. Esse profissional faz uma ponte concreta*

*entre a programação da semana e o fim de semana, porque é parte da estrutura da escola e é uma pessoa com poder de decisão. É ele que garante acesso aos equipamentos da escola e que mantém uma relação com os pais dos alunos. Penso que o envolvimento deste profissional, que representa a direção da escola, é o termômetro real do envolvimento de toda a escola com o sucesso do programa.*

*A estrutura do programa era a seguinte: havia uma coordenação central, que era compartilhada entre profissionais da Secretaria de Educação e da UNESCO. Tínhamos dois profissionais dentro das diretorias de ensino que só cuidavam do programa, além do dirigente. Havia 600 coordenadores de área, que, na média, cuidavam de 10 a 20 escolas. Nas escolas, havia o educador profissional e o gestor, além dos universitários e dos voluntários”.*

### **Atraindo jovens**

*O educador profissional, que é o responsável por organizar a escola para abrir no fim de semana, faz a ponte com a direção, com a comunidade e com os jovens. Ele verifica o que é preciso em termos de estrutura para realizar as oficinas. Vai à escola às sextas-feiras e volta às segundas-feiras para avaliar com a equipe da escola, e principalmente com os jovens, as atividades do fim de semana anterior e planejar o próximo. Ter um canal definido de comunicação com os jovens permitiu que as escolas oferecessem atividades que eles julgavam atrativas. Assim nasceram, por exemplo, os festivais de música, os spas de beleza, o dia da noiva e tantas outras atividades.*

### **Resultados positivos**

*A queda dos indicadores de violência na escola e no seu entorno: desde o início do programa, em agosto de 2003, até dezembro de 2006, houve uma redução de 53% nas chamadas ocorrências interpessoais, como brigas, ameaças e homicídios. A redução de depredação e furto, que atingiu 43%:*

*é importante dizer que, antes do programa, a Secretaria de Educação já monitorava, em parceria com a Polícia Militar, as ocorrências criminais na escola e no seu entorno. Há que se ressaltar a melhora da imagem institucional da escola nas comunidades, a participação das famílias e a transformação na vida de milhares de jovens que descobriram os próprios talentos.*

### **Parcerias**

*Havia dois tipos de parcerias: as gerais, feitas pela coordenação central, e as locais, feitas pelas próprias escolas. Entre as parcerias gerais, eu citaria as instituições de ensino superior. Chegamos a 320. Funcionava da seguinte forma: o governo pagava uma bolsa que equivalia à metade da mensalidade do aluno e, em contrapartida, esses universitários trabalhavam nas escolas no fim de semana, geralmente coordenando oficinas. Chegamos a ter 35 mil estudantes participantes. Outra parceria importante aconteceu com o Instituto Faça Parte, que nos orientou na busca de voluntários. Chegamos a ter 30 mil, entre os oriundos da parceria e os obtidos diretamente pelas escolas. Havia também uma parceria-chave com o Instituto Ayrton Senna, que implantou um programa de protagonismo juvenil em quase três mil escolas, que funcionava muito bem.*

*As escolas eram incentivadas a buscar parcerias locais. Havia termos de parceria e de voluntariado, documentos simples, assinados pelo gestor do fim de semana e pelo parceiro ou voluntário. Isso isentava a escola de eventuais cobranças de serviços ou produtos recebidos. As parcerias mais comuns eram com padarias, escolas de idiomas, academias de ginástica, mercadinhos, salões de beleza e profissionais liberais.*

### **Apropriação da comunidade**

*Chegamos a abrir 5.306 escolas e jamais houve polícia na porta de nenhuma delas. Quem cuida do espaço é a comunidade.*

## Saiba mais

### *Abrindo Espaços*

2006 - Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul

[<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145551por.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145551por.pdf)

2006 - Dias de paz: a abertura das escolas paulistas para a comunidade

[<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147233por.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147233por.pdf)

2004 - Abrindo espaços: educação e cultura para a paz. 3. ed. rev.

[<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131816por.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131816por.pdf)

2003 - Abrindo espaços Bahia: avaliação do programa

[<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131368por.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131368por.pdf)

2003 - Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco  [<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129708por.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129708por.pdf)

2001 - Escolas de paz  [<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001403/140380porb.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001403/140380porb.pdf)

### *Cultura de paz*

2007 - Como vencer a pobreza e a desigualdade: coletânea dos 100 trabalhos selecionados no concurso de redação para universitários  [<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001576/157625m.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001576/157625m.pdf)

2007 - Dia Mundial da Ciência pela Paz e pelo Desenvolvimento, 10 de novembro: ciência e vida nas regiões polares; equilíbrio para o planeta, trabalhos e desenhos premiados 2007

[<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001548/154822por.pdf>](http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001548/154822por.pdf)

2007 - Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes

[<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154588por.pdf >](http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154588por.pdf)

2006 - Imaginar a paz (Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001509/150948por.pdf>>

2006 - Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001467/146767por.pdf>>

2006 - Esporte e cultura de paz (Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais) <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145554porb.pdf>>

2005 - Solidariedade: escreva a sua parte, coletânea dos 100 trabalhos selecionados no Concurso de Redação para Universitários Brasileiros  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001446/144606mo.pdf>>

2005 - Caramuru FM: comunicação comunitária para a paz  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001540/154073por.pdf>>

2004 - Escrevendo a paz: coletânea dos 100 trabalhos selecionados no Concurso de Redação para Universitários Brasileiros  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001346/134671mb.pdf>>

2003 - Aprender a viver juntos: será que fracassamos? Síntese das reflexões e das contribuições extraídas da 46ª Conferência Internacional da Educação da UNESCO, Genebra, Suíça, 5-8 de setembro de 2001  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131359por.pdf>>

2003 - A UNESCO e o mundo da cultura  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133971por.pdf>>

2001 - Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127136porb.pdf>>

Site do Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz  
<<http://www.comitepaz.org.br>>

## *Educação para a paz*

2003 - Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001317/131747por.pdf>>

2003 - Lidando com a violência nas escolas: o papel da UNESCO/Brasil  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001322/132251por.pdf>>

2003 - Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana (Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais) <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001316/131642por.pdf>>

2000 - Escola 2000  
<<http://www.escola2000.org.br> >

2000 - Os sete saberes necessários à educação do futuro  
(Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais)  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001243/124364por.pdf>>

1998 - Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Acesso restrito ao PDF – por motivos de direitos autorais) <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001298/129801por.pdf>>

## *Protagonismo juvenil*

Portal do Protagonismo Juvenil  
<<http://www.protagonismojuvenil.org.br/portal/>>

COSTA, A. C. G. da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

\_\_\_\_\_. Protagonismo juvenil: o que é e como praticá-lo. *Escola 2000*.  
<<http://escola2000.net/aprendizagem/ac-protagonismo.htm>>

## *Juventude, violência e cotidiano escolar*

2007 - Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154588por.pdf>>

2007 - Juventudes: outros olhares sobre a diversidade  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154580por.pdf>>

2006 - Juventude, juventudes: o que une e o que separa  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001468/146857porb.pdf>>

2006 - Cotidiano das escolas: entre violências  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf>>

2005 - Drogas nas escolas: versão resumida  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139387por.pdf>>

2005 - Vidas poupadas  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001408/140846por.pdf>>

2005 - Mortes matadas por armas de fogo no Brasil, 1979-2003  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf>>

2005 - Mapas da violência de São Paulo  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001395/139514porb.pdf>>

2004 - Políticas públicas de/para/com juventudes  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>>

2004 - Mapa da violência IV: os jovens do Brasil  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf>>

2004 - Relatório de desenvolvimento juvenil 2003  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133976por.pdf>>

2003 - Por um novo paradigma de fazer políticas: políticas de/para/com juventudes  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131361por.pdf>>

2003 - Violências nas escolas: versão resumida

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>

2003 - Desafios e alternativas: violências nas escolas

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130875porb.pdf>>

2002 - Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na integração social na escola

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001347/134704porb.pdf>>

2002 - Violência nas escolas: dez abordagens européias

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128722por.pdf>>

2002 - Estratégias educativas para a prevenção da violência

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128721por.pdf>>

2002 - Violência nas escolas e políticas públicas

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128720por.pdf>>

2002 - Drogas nas escolas

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128719porb.pdf>>

2002 - Violências nas escolas

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001257/125791porb.pdf>>

2002 - Escola e violência

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf>>

2002 - Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>>

2001 - O Jovem lendo o mundo: espaço aberto ao diálogo da infância e juventude

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127143por.pdf>>

1999 – Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília (PDF somente da versão em inglês)

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130864eo.pdf> >

## Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M. *Abrindo espaços Bahia: avaliação do programa*. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131368por.pdf>>.

\_\_\_\_\_. *Escolas de paz*. Brasília: UNESCO, 2001. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001403/140380porb.pdf>>.

ATHIAS, G. *Dias de paz: a abertura das escolas paulistas para a comunidade*. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001472/147233por.pdf>>.

DELORS, J. et alii. *Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Ed. Cortez, UNESCO, 1998.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Ed. Cortez, UNESCO, 2000.

NOLETO, M. J. *Abrindo espaços: educação e cultura para a paz*. 3. ed. Brasília: UNESCO, 2004.

SOARES, L. E. O futuro como passado e o passado como futuro. In: ALMEIDA, I.; EUGÊNIO, F. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2006. p. 121-135.

UNESCO. *Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul*. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145551por.pdf>>.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil*. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf>>.

\_\_\_\_\_; ATHIAS, G. *Mapa da violência de São Paulo*. Brasília: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/ulis/cgi-bin/ulis.pl?catno=139514&gp=1&mode=e&lin=1>>.

\_\_\_\_\_; MACIEL, M. *Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco*. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129708por.pdf>>.

\_\_\_\_\_ et alii. *Relatório de desenvolvimento juvenil 2003*. Brasília: UNESCO, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133976por.pdf>>.